

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

MEMORIAL

Luís César Guimarães Oliva

Memorial apresentado ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de livre-docente na disciplina História da Filosofia Moderna I.

São Paulo, 2013.

SUMÁRIO

O ingresso no curso de Filosofia	4
A Graduação e a Iniciação Científica	4
A Pós-Graduação	7
A Dissertação de Mestrado	8
A Experiência na Universidade privada	11
O Doutorado	15
A Viagem ao Exterior	18
A Tese de Doutorado	19
A Divulgação da Filosofia para o Público Geral	22
O Pós-Doutorado	23
A entrada no Departamento de Filosofia	24
O trabalho no Grupo de Estudos	26
O percurso didático	28
O projeto CAPES-COFECUB e o estágio no exterior	35
Os livros paradidáticos	38
<i>Curriculum Vitae:</i>	41
1. Dados pessoais	42
2. Formação acadêmica	43
3. Experiência profissional	44
4. Bolsas e auxílios	45
5. Atividades acadêmicas	46
6. Ensino e orientação	50
7. Publicações	54
8. Participações em colóquios	58
9. Participações em bancas	62

10. Estágios no exterior	68
11. Certificados de aprendizado de línguas	69
Programas de curso	70
Anexo: Introdução à tradução da <i>Ética</i>	97
Currículo Lattes	105

O INGRESSO NO CURSO DE FILOSOFIA

Em 1989, extremamente insatisfeito com as duas faculdades que cursava (Direito no Largo S. Francisco e Jornalismo na PUC-SP) e decepcionado com uma desastrosa tentativa de fazer teatro, eu estava à procura de uma nova alternativa de carreira. Naquele momento, o que mais me interessava não eram as condições concretas do exercício de uma profissão ou a descoberta de uma vocação incontestável para uma certa atividade. Eu queria mergulhar em algo que me envolvesse e apaixonasse, ao mesmo tempo que me desafiasse intelectualmente de alguma forma. Decididamente Direito e Jornalismo não me ofereciam nada parecido. Com efeito, a fragilidade teórica do último, disfarçada em intermináveis e desconexas disciplinas de “introdução a...”, nunca chegou a me enganar, apesar de minha esperável ingenuidade intelectual na época. Em Direito, por outro lado, eu também não encontrava rigor nem sistematicidade, embora estes fossem propagandeados pelos professores e veteranos do curso. Na verdade, encontrei, com honrosas exceções, pouco mais que uma retórica pomposa e arrogante somada a uma tecnicidade vazia. Ainda me lembro do início de uma de minhas primeiras aulas de Teoria do Estado, em tese uma das disciplinas menos técnicas do programa: *Em Hobbes o homem é essencialmente mau. Em Locke, é essencialmente bom. Já em Rousseau...*

Por ignorância talvez eu tivesse ficado naquilo mesmo, não fosse uma das disciplinas de “introdução a...” perdida no currículo de Jornalismo, aliás uma das mais detestadas pelos alunos: Introdução à Filosofia. Não que o curso tivesse sido particularmente inspirado, mas a seriedade da professora acabou nos impondo algo bem raro nestes cursos de variedades: ela nos fez ler textos de filósofos. Sob protestos gerais, fomos expostos ao *Crátilo* de Platão, ao *De Magistro* de Agostinho (Afinal, jornalistas precisavam discutir a linguagem!) e finalmente ao *Discurso do Método* de Descartes. Desde o primeiro (texto ao qual, aliás, nunca retornei) fiquei fascinado, o que só aumentou nas leituras seguintes. Depois de alguma hesitação, percebi que havia encontrado um caminho mais instigante para minha formação universitária. Estava decidido (apesar dos protestos familiares) a estudar Filosofia.

A GRADUAÇÃO E A INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O início do curso confirmou minhas expectativas de maneira até surpreendente. Enquanto vários colegas haviam procurado a Filosofia para responder a dramáticas questões existenciais, eu estava ali em função do prazer quase estético que a leitura (parcamente orientada) de Platão, Agostinho e Descartes me despertara. Por isso, quando os professores do primeiro ano começaram a dar o tradicional balde de água fria nos calouros, a saber, a exaltar a análise rigorosa de texto como etapa crucial do percurso filosófico, evitando a especulação desenfreada, senti-me em casa. Era isto que eu queria fazer: ler, entender e discutir textos de filosofia. Não que eu não tivesse as minhas questões, mas estaria mentindo se dissesse que foram elas que me levaram à USP. Somente depois pude perceber o quanto estas questões estiveram por trás do meu percurso na Graduação e na Pós, e esta percepção foi meu verdadeiro banho de água fria, anos depois de meus colegas.

Minha graduação (90-93) não teve as figuras lendárias do Departamento: Bento Prado e Gianotti não deram cursos especiais no período, Lebrun já estava fora (e não mais voltou) e Marilena Chaui estava na Secretaria Municipal de Cultura. Eu poderia ter estudado com Oswaldo Porchat, mas a ditadura dos créditos acabou me afastando do cético do Departamento. Por isso meu curso foi marcado pela geração posterior: Luiz Henrique Lopes dos Santos, Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Scarlett Marton, José Carlos Estêvão, Maria Lúcia Cacciola, entre outros. Curiosamente, apesar de minhas únicas notas dez terem sido em Lógica Formal e Estética, fui muito mais marcado pela Filosofia Política e sobretudo pela História da Filosofia Moderna. Foi nestas áreas (estudando Descartes no primeiro ano e Rousseau no segundo), que encontrei a professora que me influenciou mais decisivamente na Graduação: Maria das Graças de Souza. Foi nos dois cursos citados que eu realmente aprendi a fazer História da Filosofia e, principalmente, a redigir em Filosofia. Nas duas oportunidades fiz seminários, provas e dissertações, sempre corrigidos com cuidado e mais de uma vez comentados detalhadamente em reuniões privadas, prática que hoje é bastante dificultada pela super-lotação das classes. Que pena!

Também desta professora partiu a iniciativa de formar um grupo de estudos de Filosofia Política, cujo escopo era estudar desde a Renascença (começando por Maquiavel), chegando até Rousseau. Lá fui eu enfrentar os clássicos da Política: lemos, entre outros, Maquiavel, Erasmo, Bodin, Pufendorf e Hobbes, mas não conseguimos chegar a Rousseau ao fim dos dois anos previstos. Neste grupo surgiram vários projetos de iniciação científica,

que depois resultaram em valiosas dissertações e teses em Filosofia Política. Eu, contudo, apesar de participante entusiasmado das discussões do grupo, acabei me afastando do núcleo temático. Meu projeto de iniciação foi sobre um filósofo que me arrebatara já no primeiro semestre da graduação: Pascal. Eu fizera um curso da professora Scarlett Marton sobre a idéia de método no século XVII, contemplando Descartes e Pascal. Depois de estudar Rousseau com Maria das Graças, acreditei que seria possível fazer uma leitura comparativa dos dois autores. Eu sentia um toque pascaliano nos textos de Rousseau e apostava que a noção teológica de queda em Pascal poderia iluminar o “mau encontro” relatado no *Discurso sobre a origem da desigualdade*. Assim, como o curso sobre Rousseau ainda estava fresco em minha mente, comecei a retomar os estudos de Pascal para poder elaborar um projeto de iniciação sobre os dois filósofos. O fato é que nunca mais voltei a Rousseau...

A segunda metade de minha graduação teve Pascal como protagonista. Pressionado por um projeto muito ousado (Maria das Graças me diria no futuro que ele já tinha fôlego para ser um projeto de mestrado), com relatórios científicos semestrais, além de outros dois cursos sobre Pascal, vi-me forçado à especialização precoce. A maior parte do meu tempo na faculdade era dedicada à leitura da obra de Pascal (relativamente curta, mas espinhosa) e à bibliografia crítica disponível (bastante extensa, devido à tradição francesa do Departamento, apesar da inexistência de teses uspianas sobre o filósofo). Hoje sinto por não ter me dedicado mais, na época, a aprimorar minha formação geral, falha que procurei corrigir depois que entrei no doutorado, não apenas buscando leituras de outros filósofos para enriquecer criticamente meus temas de pesquisa, como também assistindo regularmente a cursos de graduação e pós na condição de ouvinte. Sobre o conteúdo propriamente dito de meu projeto (aprovado pela Fapesp e executado até o fim de minha Graduação), deixo-o de lado para evitar a redundância, já que foi amplamente reaproveitado na dissertação de mestrado.

Voltando a meu histórico na Graduação, gostaria de destacar mais um curso que viria a me influenciar no futuro: História da Filosofia Moderna com Carlos Alberto Ribeiro de Moura. O estudo de Leibniz (sempre o século XVII...) me envolveu intensamente. Mergulhado como estava na crítica pascaliana do cartesianismo, comecei incrédulo o exame da versão leibniziana do racionalismo integral. Aos poucos, porém, o sistema

leibniziano, na sua imensa (e pretensiosa) sofisticação, foi me seduzindo. Mais do que em Descartes, cuja teoria da criação das verdades eternas deixava-me com a pulga atrás da orelha, a argumentação racionalista em Leibniz parecia sólida. Sua solução para o problema da contingência dentro de um universo absolutamente determinado propiciava um instrumental inusitado para abordar uma questão que sempre me fora cara, a da liberdade. Distinguindo necessidade moral e necessidade metafísica, com apelo à doutrina dos mundos possíveis, Leibniz parecia dar um espaço próprio para a liberdade sem sacrificar o projeto racionalista. Com a espontaneidade fundada metafisicamente na apetição monádica, aquele espaço podia ser preenchido com ações não necessárias (ainda que determinadas) desde sempre inscritas na noção do sujeito livre. O caráter lógico e necessário da verdade se mantinha, assim como a liberdade. Na época, estudando a querela entre jansenistas e jesuítas, eu me perguntava se a solução leibniziana não seria uma resposta mais satisfatória ao problema. Depois veria que na verdade a solução leibniziana, despida de suas mediações, não era menos cruel com a liberdade humana do que a jansenista, embora por diferentes motivos. Posteriormente, em minha pesquisa de pós-doutorado, voltei ao universo leibniziano, mas agora sem as mesmas esperanças e muito mais atento às fragilidades do sistema, como atesta a primeira parte de minha tese.

A PÓS-GRADUAÇÃO

Também foi por intermédio de Maria das Graças que me aproximei do Professor Franklin Leopoldo e Silva, sendo aceito como orientando e podendo assim ingressar no Mestrado no início de 1994, logo depois de formado. O trabalho com o novo orientador foi absolutamente decisivo para o desenvolvimento de minha pesquisa, bem como de meu próprio desenvolvimento intelectual. Em Franklin encontrei não apenas um leitor cuidadoso e instigante, mas um interlocutor privilegiado. De um lado, seu conhecimento praticamente integral da História da Filosofia enriquecia incrivelmente as indicações de trabalho. De outro, o fato de Franklin também estar desenvolvendo à época um projeto de pesquisa sobre Pascal dava-lhe uma tal intimidade com o pensamento do jansenista que nossas conversas (bem como seus artigos, muitas vezes recém-saídos do computador) valiam mais do que livros e livros de bibliografia secundária. Não tenho palavras para descrever minha admiração por este que reputo um dos maiores filósofos do Brasil, mas posso dizer que um

dos fatos de que mais me gabo em minha trajetória foi quando, ao fim da defesa de Mestrado, Franklin disse que tinha uma grande identificação com o meu trabalho.

Trabalhando desde a Iniciação Científica com os temas da graça, do livre-arbítrio e do pecado original, não foi com surpresa que recebi as indicações de meu orientador para buscar as fontes da teologia pascaliana. O primeiro caminho foi a leitura dos textos de Santo Agostinho sobre o tema. Mesmo me concentrando nos livros da querela anti-pelagiana (*Da Correção e da Graça, Da Natureza e da Graça, Do Espírito e da Letra, etc.*), tal estudo foi bastante custoso, seja por meu completo desconhecimento do autor, seja pela língua (na época eu não sabia uma palavra de Latim) ou pela grande extensão da obra. No entanto, considero ter sido esta uma etapa fundamental, sem a qual jamais poderia ter escrito minha dissertação.

O interesse por Agostinho, além do incentivo do Professor José Carlos Estêvão (que posteriormente faria uma preciosa revisão de minha dissertação), levaram-me a frequentar as reuniões do então recém-nascido CEPAME, aproximando-me dos principais estudiosos de Filosofia Medieval no estado de São Paulo. Tal intercâmbio foi extremamente profícuo, dando-me uma maior compreensão do alcance filosófico das querelas teológicas do XVII. As questões que eu estudava vinham de longe, e isto renovava minha disposição para enfrentar os áridos textos de teologia que se me impunham. Esta aridez, diga-se de passagem, vinha menos dos próprios textos do que da falta de familiaridade que eu (e certamente a maior parte dos meus colegas da pós) tínhamos com as outras áreas do conhecimento e com livros não estritamente filosóficos. Tal trabalho mostrou-me que era possível ir além da leitura estrutural dos textos (mesmo sem ter uma formação específica) e trazer contribuições importantes para o estudo das várias filosofias.

A DISSERTAÇÃO DE Mestrado

As primeiras páginas do *Prefácio ao Tratado do Vácuo* de Pascal já trazem uma distinção entre as ciências de autoridade e as ciências de raciocínio. As primeiras, como a história, a jurisprudência e sobretudo a teologia são ciências onde a certeza se baseia na autoridade. Na teologia, em particular, a autoridade é predominante porque a certeza sobre um fato depende apenas de sua presença nos Livros Sagrados, aos quais não se pode acrescentar nada de novo. Nas ciências do raciocínio e dos sentidos, ao contrário, o

aperfeiçoamento está ligado ao aumento perpétuo de invenções e descobertas. Na geometria, na física, na medicina, a autoridade é inútil e os objetos são proporcionados ao alcance do espírito humano. Daí o progresso constante.

Um leitor desavisado, que esteja iniciando seus estudos pascalianos por este texto, pode pensar que esta distinção leva, como em Descartes, à exclusão dos temas teológicos em sua filosofia, justamente porque se trata de um conhecimento de autoridade ao qual nada podemos acrescentar. Ledo engano. As ciências do raciocínio só podem se ampliar com segurança se estiverem ancoradas no solo da teologia. Os conhecimentos teológicos, para Pascal, têm influência em todos os aspectos não só do saber, mas do viver humanos. Não é à toa que a filosofia de Pascal foi escrita basicamente no interior de uma apologia, texto de fins religiosos. Foi esta percepção que me levou a escrever uma dissertação que explorasse a interpenetração da teologia e da filosofia em Pascal, baseada sobretudo na noção de Graça (*A Questão da Graça em Blaise Pascal*).

O que primeiro desperta a atenção do leitor de Pascal é o extenso quadro da condição humana exposto pelo autor. Dilacerado entre o infinito e o nada, o homem pascaliano é uma imagem de irremediável desespero até que a Religião traga a compreensão e a esperança. *"fr430: As grandezas e misérias do homem são de tal forma visíveis que é preciso necessariamente que a verdadeira religião nos ensine que há no homem um grande princípio de grandeza e um grande princípio de miséria. É preciso, pois, que ela nos explique essas espantosas contrariedades."* Por isso a teologia se torna uma peça chave do pensamento pascaliano (Jesus Cristo é o centro para onde tudo converge), mesmo não sendo o terreno próprio da razão. Assim como todas as desgraças humanas apontam para o pecado original, toda a grandeza do homem aponta para sua capacidade para o infinito, ou, em outras palavras, sua capacidade de receber a graça de Jesus Cristo, cujo potencial curativo é de ordem sobrenatural. Portanto, se o pecado é o que dá a compreensão da condição humana, a graça é o que lhe dá a esperança. *"fr83: ... O homem não passa de um sujeito cheio de erro natural e indelével sem a graça."*

Operação onipotente do ponto de vista da ação divina, a graça é no entanto vivida, do ponto de vista do homem, como uma deleitação na vontade de Deus, à qual o coração conduz o homem espontaneamente, sem coação externa, mas também sem possibilidade de resistir. Isto posto, coube ao último capítulo da dissertação partir da noção de graça para

detectar o espaço que restou para o livre arbítrio. Este é um ponto que Pascal tem de garantir para manter-se de acordo com a tradição católica, embora sua noção de graça aparentemente o contradiga. As duas noções (graça e livre arbítrio) são compreendidas através da recusa de dois modelos antagônicos: o molinismo (em que o livre arbítrio é pleno, como o de Adão, e a graça é mera consequência do esforço humano) e o calvinismo (em que o livre arbítrio é desde sempre aniquilado e a graça é totalmente incondicionada). Pascal assume a força da graça, à maneira dos calvinistas, mas faz da condição de Adão um estado de livre arbítrio pleno, à maneira dos molinistas; estado de onde o homem saiu em consequência do pecado original. Por fim, busquei mostrar que Pascal resguarda, mesmo na nossa condição atual, um espaço para o livre arbítrio: a oração.

Considero que minha dissertação teve alguns aspectos falhos e deixou algumas tarefas incompletas, como uma análise mais detalhada do calvinismo. Além disso, hoje tenho sérias dúvidas se a oração pode mesmo servir como garantia de um livre arbítrio absoluto para o homem. Por essas e outras, nunca quis publicar a dissertação na sua totalidade. Entretanto, o resultado geral pareceu-me satisfatório e trouxe algumas novidades importantes para os (então incipientes) estudos pascalianos no Brasil. Anos depois, quando estive estudando na França, tive acesso a várias obras contemporâneas ou ligeiramente posteriores à minha dissertação que tratavam da teologia da Graça, o que mostra que o tema era realmente uma lacuna importante na bibliografia crítica. Mas lendo estes comentadores, tive a felicidade de perceber que mesmo os livros mais alentados não contemplavam todos os aspectos que meu curto trabalho destacara, deixando de lado sobretudo algumas tensões insolúveis que fazem parte, de meu ponto de vista, da própria estrutura paradoxal da concepção pascaliana de verdade. Meu trabalho, embora desprezioso, não falseia estes conflitos, nem busca acordos artificiais, explorando até o fim as tensões da obra.

A defesa foi às vésperas do Natal de 1996 (mais precisamente no dia 20, último dia útil da universidade naquele ano. Tivemos que concorrer com a festa dos funcionários). A dissertação foi recebida com amplos elogios pela banca (composta pelo orientador Franklin Leopoldo e Silva, além de Marilena Chaui e Oswaldo Giacóia), obtendo nota 10 com distinção e louvor. A discussão foi um pouco mais intensa com Marilena Chaui, menos por objeções à tese do que ao próprio Pascal. Ao final, eu recebi o título de Mestre com muita alegria, mas começaria o ano seguinte com bastante apreensão.

A EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE PRIVADA

A mencionada apreensão se devia ao fato de que eu perdera a inscrição no doutorado em função de uma mudança de regras inesperada, e só poderia ingressar no segundo semestre de 97. Isto significava que eu estava oficialmente naquele período que costumo chamar de “entre-bolsas”. Na prática eu já estava nele desde setembro, quando recebera minha última mensalidade, e vinha me virando com um bico que arrumara no Banco Sudameris, como regente-assistente do coral dos funcionários. Os planos eram apertar o cinto até março quando deveria receber a primeira bolsa de doutorado. No entanto, com a perda da inscrição, eu teria de arrumar um outro emprego para me sustentar por um semestre, ou até um ano. Comecei então a mandar currículos para todas as faculdades da lista telefônica, tarefa inútil, segundo me diziam, sem uma indicação. Quis a sorte, porém, que eu fosse chamado para uma entrevista (a única, em dezenas de cartas enviadas).

“Ô menino! Os nossos alunos vêm de um segundo grau horrível e Filosofia é uma dessas matérias que a gente põe pra melhorar eles um pouco. Vai encarar?!” Sim, respondi eu diante do coordenador do curso de Administração de Empresas da Universidade Ibirapuera. Por maior aversão que aquela figura me causasse (sobretudo por me chamar sempre de “menino”), eu não estava em posição de recusar nenhuma oferta, além do fato de que eles realmente pagavam bem. Assim tornei-me professor. Sem dúvida, foi uma sorte.

É claro que a sorte foi ajudada pelo fato de que o Ministério da Educação tinha autorizado, na última hora e já com as turmas fechadas, uma ampliação no número de vagas de Administração. Isto obrigou o coordenador do curso (já que recusar alunos, mesmo temporariamente, é algo impensável nas faculdades particulares) a montar um novo corpo docente de uma semana para outra, sendo que os professores de filosofia da casa já estavam ocupados. Por acaso minha carta lhe chegou às mãos simultaneamente à notícia da autorização e ele nem se deu ao trabalho de verificar a pilha de currículos guardados.

O que eu não sabia, àquela altura, eram as condições de trabalho e os alunos que iria encontrar. Dado que as turmas já estavam fechadas, a coordenação convocou os alunos que não tinham passado no vestibular (ou melhor, os últimos colocados, pois não passar no vestibular é outra coisa impensável nestas faculdades) e reuniu-os todos nas minhas duas

turmas, sem fazer a distribuição normal que ocorre todos os anos. Se o coordenador já alertara que os alunos tinham uma formação horrível, quanto mais aqueles não haviam passado no vestibular! E todos reunidos! Estas novas turmas foram alocadas numa unidade nova, recém-alugada, ou seja, sem biblioteca e nem sequer xerox. E a cereja do bolo era que minhas aulas eram de sexta-feira à noite, dia em que o aproveitamento dos alunos é próximo de zero.

Parti de um currículo inaplicável, em que eu deveria dar dois terços da história da filosofia em um ano, com apenas uma aula semanal (na prática, pouco mais de uma hora). Como, porém, o prédio novo estava longe da vigilância da coordenação e dos outros professores da área, senti-me à vontade para fazer minhas alterações. Minha idéia era falar do início da filosofia, baseando-me em Vernant, mas usando o livro de Marilena Chaui para o Ensino Médio (*Convite à Filosofia*) como apoio pedagógico. Na sequência eu faria uma apresentação geral do pensamento socrático. Depois disto, eu partiria para a exposição de um texto original (Afinal eu vinha do Depto. de Filosofia da USP!), a *Apologia de Sócrates*, não apenas porque ilustrava muitos dos elementos apontados por Vernant, mas por ser um texto que permitia várias camadas de interpretação, desde a estrutura superficial de um julgamento (que sempre tem apelo ao leitor iniciante), até reflexões mais profundas sobre a imortalidade da alma, passando pelo papel do filósofo na sociedade. Este era o conteúdo previsto para o primeiro mês de curso, em aulas expositivas, pois eu sabia que não podia aprofundar e me alongar demais com alunos que vinham de um Ensino Médio deficiente. No fim do semestre, porém, mal havia dado conta da programação do primeiro mês.

Isto ocorreu porque a primeira avaliação bimestral foi um desastre completo, com textos sem pé nem cabeça. Lembro-me de parágrafos inteiros sem um ponto ou uma vírgula, além de confusões absurdas (Ex: Depois de Sócrates, veio Descartes...) devido ao fato de eu ter feito alguns comentários fora da ordem cronológica. Mais que tudo, no entanto, o que me chamou a atenção foi que a precariedade da formação dos alunos saídos do ensino médio público noturno, de supletivos e mesmo de alguns colégios privados de classe média baixa produzira um fenômeno tão curioso quanto trágico: o discurso formal, sobretudo o escrito, perdera o sentido. Melhor dizendo, os alunos pareciam ignorar que as palavras devem ter significados. Sempre que instados a discorrer sobre um tema que fugia

de suas habilitações práticas, eles começavam um palavrorio toscamente empolado, acentuando erros de português ligados à falsa erudição (como os “a nível de” e a pluralização excessiva), palavrorio que eles eram incapazes de explicar mais concretamente, já que não fora elaborado com vistas a ter sentido. Escrever e falar com o professor virara um “falar bonito” vazio. Então percebi (e esta seria minha maior preocupação daí por diante) que não poderia ensinar-lhes nada enquanto não os fizesse acreditar que as palavras devem fazer sentido, que eles devem ter algo em mente ao produzir um discurso, e não apenas a vaga intenção de impressionar usando aquilo que eles viam como o “código da formalidade”, ou seja, o palavrorio vazio.

Parti então para atividades diversificadas, obrigando os alunos a explicar partes da *Apologia* uns para os outros, em grupo, e depois resolvia as dúvidas surgidas dentro de cada grupo. Como avaliação, além de uma nova prova dissertativa sobre o texto, eles tiveram de apresentar seminários para a classe toda, seminários que eu interrompia com perguntas sempre que sentia que o palavrorio vazio estava começando de novo. É bem verdade que os seminários eram precários devido ao grande número de alunos e ao exíguo tempo (As classes eram gigantescas!), mas a experiência revelou-se bastante gratificante, mesmo que alguns alunos se tenham dito temerosos de “ficar loucos” se continuassem a pensar “essas coisas”.

Depois disso a coordenação pediu uma mudança de programa que persistiria nos anos seguintes, a entrada da Lógica. Os resultados pareceram-me menos interessantes, mas eu aproveitei os áridos exercícios para continuar minha luta com os alunos pela recuperação do significado das palavras. Quanto ao fato de a mudança curricular vir da coordenação, acho que valeria a pena explicar rapidamente a estrutura de funcionamento desse tipo de Universidade. Nestes locais não há estrutura departamental. Ou melhor, por vezes há renomados chefes de departamento de áreas grandes (humanas, exatas...) que não têm nenhum poder de fato, mas apenas trazem sua titulação e prestígio para a Universidade. O poder vai diretamente do reitor (quando este não é mero capacho do proprietário) aos coordenadores de curso, em geral seus homens de confiança, cuja excelência acadêmica é irrelevante (no meu caso, o coordenador sequer era pós-graduado). É bom lembrar que o Ministério, pelo menos na época (segunda metade dos anos 90), não questionava esta estrutura, supostamente mais moderna e eficiente para adaptar os cursos às especificidades

do mercado de trabalho. Estes coordenadores têm total autonomia para contratar os professores, que passam a ser vistos como aliados do coordenador, já que este lhes concedeu o privilégio ou o favor do emprego, pelo qual devem ser eternos devedores. Os critérios de contratação variam: pode haver mero benefício a parentes e amigos, ou, de acordo com as exigências mínimas do Ministério, a titulação. Na minha época, as universidades privadas estavam em busca de títulos, por estarem abaixo da cota de 30% estabelecida pelo governo e que era objeto de avaliação. Hoje, devido à crise das universidades privadas e ao preenchimento dessas cotas mínimas (que não mudam, o que é mais um desestímulo ao aprimoramento do corpo docente), a titulação é por vezes vista como um entrave para a contratação, já que aumenta os custos.

Nestas universidades, o prestígio é dado pela quantidade. O prestígio do coordenador vem do número de cursos sob seu comando (quando eu entrei, meu coordenador geria Administração, Economia, Contabilidade, Secretariado, Comunicação e Turismo). O prestígio do professor vem do número de aulas que ele recebe do coordenador, o que representa não apenas aumento salarial proporcional, mas maior autonomia para elaborar o programa. Como o coordenador frequentemente nada entende do curso sob seu comando, não é incomum recebermos exigências estapafúrdias. No caso de Filosofia, disciplina imposta pelo governo, e que os coordenadores em geral não fazem idéia do que se trata, os desmandos são ainda maiores. Quando, porém, o coordenador é menos prestigiado internamente e deve lidar com um corpo docente majoritariamente “herdado” de outro, o diálogo aumenta, mas então começa uma guerra de foice entre os professores para definir o programa da disciplina. Isto se explica não apenas pela disputa por poder, mas pelo fato de que estes professores têm uma enorme carga didática (somada à dos outros locais de trabalho, frequentemente gira entre 30 e 40 aulas semanais), não tendo tempo para elaborar programas diferentes para cada turma.

Esta última situação me ocorreu na passagem para o meu último ano na UNIB. Pressionada pelo governo a ter um coordenador com pelo menos mestrado, a área de administração passou às mãos de uma nova coordenadora (com mestrado pela FGV), que buscava, de um lado, aumentar a carga horária de matérias específicas (a generalidade do currículo, segundo seu diagnóstico, era causa da quarta nota D que o curso acabava de obter no provão), de outro, dar um perfil mais “administrativo e profissional” à direção do curso.

Isto significava unificar estritamente todos os programas, exigir a realização de mais avaliações, mas mantendo a prova bimestral como responsável pela maior parte da nota. Isto praticamente inviabilizava o incremento dos seminários e trabalhos dissertativos que eu e alguns professores desejávamos. Além disso, se os programas deveriam ser rigorosamente iguais (inclusive dia a dia, pois o conteúdo de cada aula deveria ser controlado pelo diário de classe de cada professor), as provas também deveriam sê-lo, podendo em tese ser corrigidas por qualquer professor. Por causa disso passei por uma situação esdrúxula: algumas de minhas turmas tinham iniciado as aulas no começo de fevereiro, outras em meados de março, devido à reforma de um novo prédio; mas no início de abril fui obrigado a dar a mesma prova bimestral para ambas. Tal prática não só desconsiderava o tempo de aula, mas sobretudo as especificidades de cada turma, onde as deficiências de formação não eram perfeitamente homogêneas e por isso demandavam esforços, explicações e atividades diferentes. O resultado é que a “profissionalização” da coordenação acabou piorando muito as condições de trabalho dos professores, pelo menos na aula de Filosofia. Conversando nos últimos anos com colegas de outras universidades privadas, como Uniban e Unip, vi que esta concepção de “gestão pedagógica” está cada vez mais arraigada.

Desgostoso com a situação e visando a um futuro estágio-sanduíche no Exterior, achei melhor pedir uma bolsa de doutorado da Fapesp e me desligar da UNIB, o que se deu no fim do primeiro semestre de 1999, época em que eu me via atribulado com a preparação para o exame de qualificação. No cômputo geral, a experiência com os alunos teve momentos muito gratificantes, além de dar-me a percepção, na prática, dos resultados do sucateamento do ensino secundário brasileiro. Já quanto às possibilidades de uma Rede de Ensino Superior privado de qualidade no Brasil, a experiência só me trouxe descrença.

O DOUTORADO

Simultaneamente à atividade didática e ainda antes da inscrição oficial, comecei os trabalhos do doutorado. Eu me sentia menos pressionado com os prazos do que no mestrado, tanto por ter mais anos à frente quanto por estar sem bolsa. Por isso, além do projeto propriamente dito, iniciei outras atividades que fizeram do período de doutorado uma experiência bem diferente da do mestrado. Como já mencionei antes, passei a frequentar como ouvinte cursos de Graduação e Pós, prática que mantive até me tornar

docente do departamento, e que servia de estímulo para compensar a especialização precoce a que me levaram as exigências da pesquisa e das agências. Além disso, voltei ao estudo de línguas, que havia abandonado desde o início da Graduação.

Com uma formação sólida em inglês e francês feita no colégio, pude passar pelo curso de Filosofia sem a preocupação adicional do aprendizado de línguas, para o que colaborou o fato de eu estudar um filósofo cuja obra e quase toda a bibliografia crítica relevante haviam sido escritas em francês. No início do doutorado, já mais maduro, eu percebi o equívoco daquela acomodação. Não apenas o desconhecimento do alemão era um empecilho para futuros desdobramentos da pesquisa, como principalmente o Latim me fizera falta durante a elaboração da dissertação de mestrado. No caso do estudo de Agostinho, fui obrigado a confiar em traduções, o que é sempre problemático, e por isso caí temporariamente em erros que teria eliminado de pronto se pelo menos tivesse condições de confrontar as traduções com o original. Além disso, eu estava disposto a conhecer melhor o século XVII como um todo, e é sabido que o Latim era a língua científica da época. Para estudar com o rigor desejável as principais obras de Descartes, Espinosa, Leibniz, etc., eu tinha de preencher este buraco de formação, ainda que tardiamente. Assim comecei a fazer o curso de extensão de Latim oferecido pela faculdade, e logo no segundo ano já passei a enfrentar semanalmente a espinhosa escrita de Cícero, que serviu como um tratamento de choque para compreender a língua. Em 2000 comecei os estudos de alemão, primeiro na própria USP, depois em aulas particulares e finalmente no Instituto Goethe. Fiz também uma iniciação ao Grego, mas como ainda não estava perfeitamente seguro na leitura do alemão, achei melhor me concentrar nesta última, deixando os estudos de Grego para mais adiante, o que infelizmente nunca aconteceu.

Mas o mais relevante diferencial do doutorado em relação ao mestrado foi o início do trabalho com o Grupo de Estudos Espinosanos. Quando entrei no Grupo, em 1997, a convite da coordenadora Marilena Chaui, eu era o único já com mestrado. A maior parte dos componentes era de alunos em fim de Graduação, fazendo iniciação científica ou começando o mestrado sob orientação da professora. Se não me falha a memória, eu e Tessa Lacerda (hoje professora do Departamento, na época graduanda e já estudiosa de Leibniz) fomos os primeiros corpos estranhos (entenda-se, não-espinosanos) do grupo, mas apesar disso encontrei um ambiente de trabalho privilegiado. A proposta do grupo, aliás,

logo deixou de ser estudar exclusivamente Espinosa, mas sim a filosofia do século XVII, e neste sentido eu trazia, além de um pouco mais de experiência, um perfil marginal (Nada mais anti-espinosano do que Pascal!) que contribuía bastante para esta diversificação. A entrada, pouco depois, de outros colegas, como José Eduardo Baioni, Luciana Zaterka e mais esporadicamente Enéias Forlin, intensificou a ampliação de perspectivas do grupo.

Neste ambiente encontrei, além de interlocutores muito sagazes (e surpreendentemente eruditos, apesar da juventude), um interesse comum pelo estudo do latim seiscentista, o que se intensificou com a decisão de fazer uma tradução coletiva da *Ética* de Espinosa. Posteriormente, além da tradução, decidimos institucionalizar o estudo de uma grande obra filosófica por semestre. Naquele período, abordamos, entre outras, o *Tratado das Paixões*, de Descartes, o *Novum Organum* de Bacon, o livro I do *Leviatã* de Hobbes e o *Discurso de Metafísica* de Leibniz, sempre voltando-nos para uma análise fina das questões, com o acompanhamento de perto do texto original. É claro que as intervenções sempre precisas de Marilena Chaui são um incentivo inestimável para o trabalho, mas é o ambiente de reflexão conjunta que fazia e ainda faz a alma do grupo. Em relação ao trabalho do mestrado, realizado tendo meu orientador como único interlocutor, a evolução foi sensível. Graças ao grupo, passei a sentir-me mais à vontade para falar da filosofia do século XVII e do universo de questões que perpassa as obras de seus vários autores. Além disso, também encontrei no Grupo um ambiente propício ao meu desenvolvimento como professor, pois frequentemente eu e os colegas mais antigos nos víamos na necessidade de explicar problemas complexos aos colegas mais jovens, e isso sem a assimetria da sala de aula, que muitas vezes oculta as inseguranças do professor. Num grupo de iguais, acabei encontrando em mim um didatismo que eu duvidava ter na época da UNIB.

Um último aspecto a destacar na minha participação no Grupo de Estudos Espinosanos foi o maior contato com colegas e professores de outras universidades. Dentro de nossas atividades, organizamos vários congressos, colóquios e jornadas filosóficas, o que não apenas deu-me uma amostra da complexa tarefa de organizar eventos científicos, como colocou-me em contato com o trabalho dos principais especialistas brasileiros na filosofia seiscentista. Minha entrada na Associação de Estudos do Século XVII, com apresentação de comunicações em todos os seus Encontros de 1997 a 2004, inseriu-se neste contexto. Também como participante do Grupo, aceitei o apelo da então presidente da

ANPOF, Fátima Évora, para ajudar na organização do grande Encontro da Entidade em São Paulo, em 2002, experiência traumática, em que meia dúzia de pós-graduandos, com a ajuda eventual de secretários, teve de organizar um evento que já se tornara monumental. Nas edições sub-sequentes, a ANPOF passou a contar com o apoio de empresas especializadas, o que me parece inevitável para um evento deste porte, se é que eventos deste porte fazem sentido.

A VIAGEM AO EXTERIOR

Após a qualificação e já com bolsa da Fapesp, comecei os preparativos para minha viagem ao exterior. O objetivo da viagem, antes de tudo, era buscar bibliografia complementar para a tese de doutorado. Com efeito, a estrutura do trabalho já estava determinada, mas pelo menos dois autores fundamentais para minha argumentação não tinham suas principais obras disponíveis no Brasil. Eram eles Jansenius, que dispensa explicações, e o oratoriano Charles de Condren, criador da doutrina do sacrifício no século XVII, doutrina que teria papel central em minha tese. Eu já havia escrito sobre os dois autores com auxílio de bibliografia secundária, mas a responsabilidade intelectual impunha-me o conhecimento direto dos textos. Além disso, faltavam-me alguns livros clássicos sobre Pascal, já esgotados e só encontráveis nas bibliotecas européias. Sendo assim, parti para Paris em janeiro de 2000, com os poucos recursos de minha reserva técnica.

Se o trabalho nas bibliotecas foi altamente satisfatório, o mesmo não pode ser dito da interlocução que tive em terras européias. Em estágio na École Pratique des Hautes Études, fui orientado pelo grande especialista Jean Robert Armogathe (herdeiro da cadeira de Alexandre Koyré na mesma instituição), e frequentei seus seminários semanais. Apesar da grande gentileza de Armogathe em resolver todos os problemas burocráticos que se me pudessem apresentar, ele tinha muito pouca disponibilidade para discussões propriamente filosóficas e reuniões de orientação. Isto, de certa maneira, já era esperado, mas o mesmo não se pode dizer dos seminários deste grande pesquisador. Em todas as ocasiões, apenas Armogathe falava. Não havia perguntas, mesmo da parte de frequentadores mais velhos, e o seminário terminava sem nenhuma discussão. Ora, para quem, como eu, vinha do diálogo intenso com Franklin, Marilena e outros membros do Grupo de Estudos Espinosanos, além de eventuais conversas com outros especialistas brasileiros, a ausência de interlocução na

França foi chocante. É claro que devia haver outros grupos com outros estilos de trabalho, mas como eu estava lá pelo exíguo tempo de seis meses, renunciei a procurar outros interlocutores franceses e dediquei-me em período integral à atividade na biblioteca.

Do ponto de vista do material encontrado, o resultado não poderia ter sido melhor. Consegui reunir toda a bibliografia necessária para o projeto e ainda preenchi lacunas de bibliografia do mestrado. Com tudo isto em mãos, pude começar, ainda em Paris, a redação definitiva da tese.

A TESE DE DOUTORADO

Façamos mais um pequeno retrocesso temporal. Terminado o mestrado, vi-me na necessidade de escolher um novo tema para o doutorado. De um lado, eu estava um pouco cansado de Pascal, com o qual eu lidava desde a iniciação científica, de outro, sabia que havia temas despertados pela dissertação e que mereceriam desenvolvimento, além de que uma mudança mais radical atrasaria muito o delineamento do projeto. Minha decisão se deu ao perceber que tinha material para contribuir de alguma forma para uma questão cara ao Departamento de Filosofia da USP, a História. O próprio Franklin estava em vias de terminar uma pesquisa sobre o tema, mas eu julgava que tinha elementos para enriquecer o debate. O desafio fez-me esquecer o cansaço com Pascal e apegar-me ao que havia de novo na abordagem. De fato, a quase totalidade dos comentadores nada dizia sobre a possibilidade de haver uma Teologia da História, de tipo agostiniano, em Pascal. O único que desenvolvia o tema, Albert Béguin, apresentava uma longa argumentação justamente para negar tal possibilidade. Isso significava que se eu quisesse tratar da questão, não teria muito apoio bibliográfico afora alguns artigos do próprio Franklin.

O que poderia parecer obstáculo, acabou sendo estímulo. Cansado dos comentadores pascalianos, com os quais eu convivía desde a iniciação científica, fascinou-me a idéia de abordar Pascal com um olhar mais livre das lentes da tradição. Por isso a leitura da tese reflete uma decisão de primeira hora: afastar-me dos comentários e buscar iluminar os textos com recursos de outra ordem, seja a obra de outros filósofos, sobretudo Agostinho, sejam dados históricos. A exposição dos resultados parciais para meu orientador e para o Grupo de Estudos Espinosanos garantiria a revisão crítica que o silêncio dos comentadores infelizmente me negava.

A estrutura da tese (*As Marcas do Sacrifício – Um Estudo sobre a possibilidade da História em Pascal*) diverge bastante daquela da dissertação de mestrado. A introdução apresenta a tese negativa de Béguin e enuncia os caminhos possíveis de refutação dela, além dos elementos básicos para a constituição de uma Teologia da História pascaliana. A refutação ponto a ponto, contudo, só viria na conclusão, onde mostro que a base da crítica de Béguin (a inexistência da noção de progresso em Pascal) não invalida a possibilidade de pensar a História. Pelo contrário, se o fizesse tal como Béguin descreve, invalidaria também a Teologia da História agostiniana, coisa que o intérprete jamais aceitaria.

O decorrer da tese desenvolve o tema da História em Pascal, buscando constituí-lo através de seus vários elementos filosóficos e teológicos. No contexto pascaliano, a História só é relevante enquanto História Espiritual, a história da salvação dos homens escolhidos entre os condenados pela queda adâmica. Como tal, a História não pode ser regida pela temporalidade vivida ordinariamente, mas pela temporalidade da graça, que direciona todos os instantes para o ponto central, o sacrifício de Jesus Cristo. Por isso, os homens só têm esperança de salvação na medida em que se integram ao Corpo Crístico. Partindo de Agostinho, procurei mostrar como os elementos principais de sua doutrina do Corpo Místico estão todos em Pascal e que se, no bispo de Hippona, tais elementos contribuem para a formulação de uma Teologia da História, em Pascal não pode ser diferente. Finalmente, no capítulo 6, núcleo da tese, tentei mostrar de que maneira o percurso histórico do Corpo Místico se insere no plano da salvação da humanidade: ele se faz sacrifício expiatório do pecado original (no que Pascal acompanha, em larga medida, a doutrina do sacrifício do oratoriano Condren), o que não apenas dá à História uma ordem própria, como também eleva-a à condição de temática crucial para o Cristianismo.

Considero que minha tese trouxe algumas novidades para os estudos pascalianos. Se houve erros, creio que se deveram sobretudo à ousadia das propostas, que, como expliquei antes, colocaram-se de primeira hora na contramão da tradição de comentário. Não acredito, porém, que tenha deixado espaço para a acusação de falta de suporte textual para minhas afirmações (acusação, aliás, que não foi feita por nenhum membro da banca ou outros leitores). Cada nova hipótese apresenta fartas referências em seu favor, embora eu deva reconhecer que muitas vezes tive de recorrer a obras menos conhecidas de Pascal, como a *Carta sobre a morte do Pai*.

A banca, como no mestrado, também recebeu bem o trabalho. Defendida em 11 de junho de 2002, a tese garantiu minha aprovação com distinção e louvor, além de recomendação para publicação (já não havia mais notas na USP). Da banca participaram, além de Franklin, Bento Prado Jr, Marilena Chaui, Oswaldo Giacóia e Luiz Pondé. Mais ainda do que no mestrado, praticamente não houve críticas, mas apenas sugestões e alguns pedidos de esclarecimento. Devo reconhecer, porém, que a experiência da defesa foi um pouco estranha. Diferentemente do mestrado, quando eu havia terminado o trabalho recentemente, a tese de doutorado já fora terminada quase seis meses antes (o núcleo dela há mais tempo ainda), restando apenas detalhes de natureza formal. Por isso a discussão soou um pouco distante das minhas preocupações recentes, que já se voltavam para a elaboração de meu projeto de pós-doutorado sobre Leibniz. Se tivesse defendido a tese no ardor da formulação do texto, como no mestrado, talvez teria respondido às perguntas com mais prontidão e eficácia. Mesmo assim, creio que o resultado geral foi bastante satisfatório.

Em suma, penso que minha tese de doutorado foi mais bem sucedida do que a dissertação de mestrado. Além de formalmente mais acabada, ela é mais madura e sólida na argumentação e especulativamente mais profunda, apesar de bem mais ousada, do que a dissertação de mestrado. Por isso não hesitei em publicá-la, com auxílio da Fapesp, coisa que nunca quis fazer com o mestrado. Todavia, curiosamente, seu impacto sobre os estudos de Pascal no Brasil foi mínimo, talvez pela própria ousadia da proposta, talvez pelo fato de que eu praticamente não mais falei sobre Pascal em eventos posteriores (mesmo nos poucos cursos que dei sobre Pascal, passei longe do tema da tese, mantendo-me em questões mais evidentes no universo pascaliano). Enquanto o mestrado, que considero imaturo e do qual em parte divirjo hoje, era frequentemente citado por alunos da USP e de fora, seja a partir da própria dissertação, seja a partir de artigos publicados com base em seus capítulos, meu doutorado, publicado e doado a todas as bibliotecas de grandes universidades brasileiras, parecia destinado ao esquecimento. Seria a punição pela infidelidade e o abandono com que tratei na sequência o filósofo que acompanhou minha juventude? Quem sabe? O fato é que ultimamente comecei a ver os primeiros sinais de que, sim, alguém havia lido meu trabalho além dos cinco membros da banca. A tese recente de um aluno da PUC, centrada na *Carta sobre a morte do Pai*, citava largamente o meu livro e interpretava a carta a partir da

doutrina condreniana do sacrifício, como eu propusera. Um colega de outro estado, cuja preocupação com a História o levava anteriormente a vários filósofos modernos, agora chegou a Pascal e parece decidido a explorar a trilha que eu abri. Vamos ver...

A DIVULGAÇÃO DA FILOSOFIA PARA O PÚBLICO GERAL

Terminada a etapa do doutorado, vi-me mais uma vez no famigerado entre-bolsas. Pouco depois da defesa, o projeto de pós-doc já havia sido concluído e entregue para avaliação na Fapesp, mas, mesmo que fosse aprovado, eu teria de amargar alguns meses de expectativa. Foi então que surgiu o convite para escrever uma série de artigos de filosofia para a *Cult*, uma revista de Literatura de circulação nacional. A tarefa me era inédita: apresentar, a cada mês, um filósofo ou tema filosófico em apenas meia página para o público geral, sem pressupor referências nem mediocrizar o tratamento das questões. Enfim, não era fácil.

O resultado foi variável, mas em geral positivo. Em um ou outro caso fui alertado que o texto estava muito difícil e que as citações tornavam a leitura “chata”. Contudo tive total liberdade para escolher os temas, o que tornou o trabalho bastante agradável, e o retorno que tive do público foi majoritariamente positivo. No primeiro artigo abordei a questão das Formas em Bacon. No segundo, a teoria das quatro causas em Aristóteles. Depois escrevi dois textos sobre Espinosa, um falando da causa eficiente, e outro apresentando a crítica da causa final. Em seguida, um artigo em duas partes, fazendo um histórico da idéia de progresso até o século XVII. Na sequência, dois artigos sobre Pascal: um sobre a condição humana e outro sobre a idéia de Divertimento. E, por fim, um texto sobre a razão e o método em Descartes. Embora um pouco distante da atividade acadêmica, considero que este trabalho de divulgação tem um papel importante para a Filosofia, além de ser um exercício interessante para o pesquisador. Eu estava seguro de que se outros veículos concedessem um espaço similar para a discussão filosófica, não haveria tanta ignorância e preconceito sobre o tema. Alguns anos depois, surgiram publicações totalmente voltadas à Filosofia, com várias colunas semelhantes à que eu fizera, fenômeno contemporâneo da proliferação das Casas do Saber e Cafés Filosóficos. Mesmo não tendo me aventurado mais por esses terrenos e constatando distorções aqui e ali, continuo a ver com bons olhos esse tipo de divulgação.

O PÓS-DOCTORADO

Em outubro de 2002 a Fapesp aprovou meu projeto de pós-doutorado, cujo objetivo era explorar as noções de criação e contingência em Leibniz para detectar como se articulam e entre-determinam. Antes de abordar diretamente a noção de criação, pretendia analisar logicamente a noção de existência, tal como aparece nos textos leibnizianos de várias fases. Esta análise visava extrair as consequências ontológicas do conceito, que naturalmente entram na constituição da noção de criação. Através da diferença qualitativa que a existência traz para as essências (meramente possíveis, salvo por sua realidade no entendimento divino), tinha a intenção de compreender como se dá a ação divina na criação.

Apresentado o pensamento leibniziano sobre a existência e a criação, meu intuito de fundo era abordar a noção de contingência, concentrando-me na maneira pela qual ela é regida pelas determinações da criação. Esta parte do projeto incluía um estudo sobre a gênese da noção de mundos possíveis (essencial para compreender a contingência) durante a Escolástica tardia, com destaque para os textos de Molina (o que nunca pude realizar, sobretudo pela complexidade do latim deste autor). Feito isto, pretendia estar em condições de analisar as consequências desta noção de contingência para o projeto de Racionalismo integral de Leibniz, verificando quais os problemas e soluções que ela traz, sobretudo em comparação com o caminho espinosano da Necessidade Absoluta que expulsa a noção de criação.

Bem, este era o plano. O fato é que só após minha entrada na USP como docente é que pude desenvolver o projeto. Não vou explicitar aqui o que foi descoberto (e o que se frustrou na proposta) pois trata-se justamente do tema da primeira parte da tese de livre-docência. No ano do pós-doc propriamente dito, o rumo da pesquisa se desviou completamente. Pouco depois da aprovação do projeto, confirmou-se que se daria, em alguns meses, um concurso para História da Filosofia Moderna na USP, que decidi prestar. Isso me obrigou a dedicar-me ao preparo de um extenso programa, que ia de Bacon aos ilustrados, passando pelos principais autores do século XVII, pelos empiristas ingleses e terminando em Kant. O estudo destes vários autores, alguns dos quais eu jamais havia lido seriamente, não me afastou completamente de Leibniz, mas limitou minha dedicação e

mudou provisoriamente o foco da leitura, agora mais ligado à teoria do conhecimento. Depois do concurso, fui obrigado a concluir o relatório do pós-doc pressionado pelo prazo exíguo e pelas novas tarefas de professor, que eu fui obrigado a assumir antes mesmo da nomeação. Disso resultou um estudo sobre a percepção em Leibniz e suas consequências para a compreensão da complexa noção leibniziana de substância corpórea, que não deve confundir-se, como se sabe, com substância extensa. Essa mudança de rumo (que felizmente foi aceita pelo parecerista da Fapesp, ainda que não sem resmungos) resultou no artigo “*Fenômeno e Corporalidade em Leibniz*”. Não foi uma via de pesquisa que decidi prosseguir, mas mostrou-se fundamental para que eu pudesse me posicionar com relação ao tema mais candente entre os leibnizianos (cujo círculo e eventos eu frequentei por alguns anos) na década de 2000, e também para a orientação de meus primeiros alunos.

A ENTRADA NO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Fui aprovado no concurso da USP em junho de 2003, um ano depois da defesa de doutorado. Por razões que não cabe retomar aqui, foi um período muito tenso no departamento. Na ocasião, fui aconselhado a ficar afastado das discussões, evitar o comprometimento com brigas antigas, porém achei que devia, sim, me posicionar, mesmo que isso me pusesse em conflito com antigos professores, em especial porque um dos tópicos da época era o próximo concurso de filosofia moderna, área da qual, bem ou mal, eu era o legítimo representante. Hoje o departamento está muito rejuvenescido, tendo havido vários concursos em que recém-doutores ingressaram, de modo que as novas gerações são vistas com naturalidade pelos colegas. Na época, porém, eu e Vladimir Safatle, cujo concurso se deu pouco antes do meu, éramos os primeiros da nossa geração a ingressar. O departamento era composto basicamente pelos professores responsáveis pela nossa formação desde a graduação, os quais haviam majoritariamente ingressado ainda nos anos setenta, com o acréscimo de um grupo relativamente pequeno de professores de uma geração posterior (uns dez anos mais velhos do que eu), mas que, devido às circunstâncias diversas da época em que se formaram, haviam começado a trabalhar na USP ou em outras grandes universidades logo depois da graduação, ou seja, eram figuras já aceitas e respeitadas interna e externamente. Em suma, o peso da hierarquia me era enorme, e a cada palavra que eu emitia em reuniões de departamento (que chegaram a ser semanais naquele

período), eu sentia como se estivesse desafiando meus próprios mestres ou violando alguma lei. Depois desse período, as coisas se acalmaram muito, mas penso que fiquei um pouco marcado por aquelas circunstâncias iniciais, demorando alguns anos até deixar de me sentir intimidado diante dos “colegas-mestres”.

Passado esse primeiro momento, rapidamente estabeleci qual seria o direcionamento da minha carreira na USP: minha prioridade seria, em várias frentes, o trabalho de formação de alunos, mesmo que ao custo de um percurso de pesquisa mais lento e de um ritmo de publicações mais modesto. Isso não quer dizer que eu tenha publicado pouco no período, entretanto essas publicações passaram a submeter-se a outros projetos, à valorização dos *Cadernos Espinosanos*, aos tópicos que o Grupo e os alunos de graduação estavam estudando na época, aos temas de Jornadas internas ou externas, etc. Não vou expor neste memorial o meu percurso principal de pesquisa, pois isto já está apresentado na introdução da tese, porém acho que vale a pena comentar algo sobre os artigos que publiquei a partir dessa época. Antes do ingresso no departamento, minhas publicações buscavam refletir o andamento de meu projeto de pesquisa, e eu, visando reconhecimento, várias vezes as submeti a revistas conhecidas nacionalmente. Assim que virei professor da USP, paradoxalmente, as publicações passaram a atender pedidos de outros colegas, no geral ligados a centros de formação menos conhecidos, do nordeste ou do sul do Brasil, cujo imenso esforço de promover um evento com “professores de São Paulo” sempre redundava em uma pequena publicação de anais ou livro de circulação local. Nunca achei que devesse recusar meus textos a esses projetos, até porque já havia vivido a situação inversa como aluno, quando lutávamos para promover uma pequena Jornada Espinosana ou Leibniziana, queríamos fazer dela um volume dos *Cadernos Espinosanos*, mas este acabava mingüado, porque a maior parte dos professores convidados negava suas publicações. Por essas e outras, em quase dez anos como professor, submeti apenas dois artigos a revistas, sendo todos os outros publicados a convite. Como sei que vários colegas a quem respeito e admiro têm esta mesma prática, que tampouco deve ser incomum em outras grandes universidades, não posso deixar de apontar o equívoco das avaliações que mensuram a qualidade da “produção” de um professor pelo número de artigos publicados em revistas A ou B. Isto desconsidera o fato de que é papel do professor dos grandes centros colaborar com os novos núcleos e com as atividades de seus próprios alunos.

O TRABALHO NO GRUPO DE ESTUDOS

Inicialmente livre dos encargos burocráticos departamentais, voltei-me para o Grupo de Estudos Espinosanos, e passei dedicar grande parte do meu tempo a proporcionar aos jovens pesquisadores os mesmos benefícios de formação que eu lá tivera. Como inicialmente não tinha orientandos, o meu papel na formação dos alunos era organizar as reuniões, a programação, os convites a professores de fora e, o que mais me foi sofrido, assumir a tesouraria do Grupo. Explico-me: na mesma época em que fiz o concurso, a Fapesp aprovou o projeto temático *Experiência e razão no século XVII*. Esse projeto, como o outro que o sucedeu anos depois, funcionava de maneira diferente dos outros temáticos do departamento. Isto porque os pesquisadores principais (Marilena Chaui, Maria das Graças de Souza e Franklin Leopoldo e Silva) abriam mão quase integralmente da verba que lhes caberia para financiar passagens e participações em congressos, destinando-a majoritariamente aos próprios alunos. Também o destino da reserva técnica, para convites, publicações e material de consumo, era decidido pelos alunos. Minha função, como tesoureiro, era administrar essa verba concedida pelos pesquisadores principais, justificar junto à Fapesp o seu uso pelos pós-graduandos e organizar os recibos e prestações de contas de todas as idas deles a congressos ou outras atividades. Como entre alunos de Marilena, Maria e Franklin que estudavam o XVII o grupo era grande, tal trabalho era bastante complicado, sobretudo nas épocas de relatório e prestação de contas do projeto, ainda mais considerando minha falta de aptidão para o trabalho administrativo. Isto me fez colaborador obrigatório, ainda que informal, de todos os eventos e publicações organizados pelo grupo desde então, além de ter de me empenhar pessoalmente na resolução de pendências dos alunos junto à Fapesp (perda de documentos, atrasos de relatórios individuais, etc.), que bloqueavam as contas do projeto.

Mesmo quando depois outros pesquisadores do grupo entraram no departamento, a situação não mudou muito, pois as atividades do grupo ganharam outras frentes, de modo que informalmente chegamos a uma divisão de trabalho em que o professor Homero Santiago cuidava das relações internacionais, convênios, etc., a professora Tessa Lacerda cuidava de nossa publicação, os *Cadernos Espinosanos* (ambos trabalhos desgastantes, mas

que podiam ser feitos à distância), e eu continuava nas mesmas funções: a tesouraria (que me desgostava cada dia mais) e o acompanhamento semanal dos seminários e da tradução da *Ética* (sobre esta última, remeto o leitor à introdução que fiz à nossa tradução, em anexo, evitando repetir a mesma história).

A esta altura, já estávamos fazendo a transição para o projeto temático seguinte, cujo tema era *Natureza e História*. Este projeto, bem mais amplo tematicamente e abrangendo alunos que lidavam também com a filosofia renascentista e contemporânea, tornou-se ainda mais difícil de administrar, o que acabou me levando, em seu terceiro ano, a passar a tesouraria à pesquisadora e bolsista de pós-doc do projeto Ericka Itokazu, que continuou o trabalho com a mesma dedicação que eu, embora com muito mais tranquilidade e competência. Alguns anos antes disso, porém, outra coisa começou a me preocupar. Com a mudança do projeto, e mesmo antes de sua aprovação, nossos seminários mudaram de foco. Estudamos Kant, Hegel, Deleuze, Merleau-Ponty, eventualmente voltamos aos antigos e medievais, sempre conforme o desejo e as necessidades manifestadas pelos alunos, dos quais os que estudavam filosofia contemporânea eram bem mais mobilizados. Assim percebi que os alunos que estudavam o XVII acabavam sendo pouco favorecidos, sobretudo aqueles que não estudavam Espinosa. Além disso, eu já tinha, na época, alguns alunos de iniciação e mestrado, divididos entre leibnizianos e pascalianos, que não tinham fôlego ou interesse em participar de seminários tão diversificados, mas que por sua vez careciam de um complemento de formação voltado para a especificidade do século XVII. Isto me levou, entre 2006 e 2009, a organizar e coordenar um outro grupo de estudos, com alunos de “segunda geração” (meus e de Homero Santiago) e mesmo alguns de Marilena Chaui, que também participavam do seminário principal. Juntos, lemos e discutimos os *Princípios da Filosofia* de Descartes e dois de seus desdobramentos diretos, os *Princípios da Filosofia Cartesiana* de Espinosa e a *Advertência aos Princípios de Descartes* de Leibniz; passamos pela *Correspondência de Leibniz e Arnauld*, pelo *Tratado das Paixões da alma* de Descartes, estudamos alguns dos opúsculos menos conhecidos de Pascal, o *Diálogo* de Galileu e o *De Corpore* de Hobbes. Apesar deste grupo não ter tantos participantes, creio que as atividades que fizemos foram muito proveitosas para todos, e permitiram que eu tivesse um contato regular (no mínimo quinzenal) com meus próprios orientados, o que nem sempre pude reproduzir depois. Infelizmente, as novas tarefas que

surgiram a partir de 2009, vinculadas a um novo projeto, agora CAPES-COFECUB, e à preparação de um novo estágio no exterior, forçaram-me a interromper estes seminários, que pretendo retomar assim que possível.

O PERCURSO DIDÁTICO

De todas as tarefas que o ingresso na USP me trouxe, a mais trabalhosa, mas também a mais gratificante, foram os cursos de graduação. Apesar de alguma apreensão com relação ao grau de exigência dos alunos de filosofia e à preparação de um curso em uma grande universidade (lembrando que minha experiência anterior era em uma universidade privada de baixo nível, lecionando para alunos de outras áreas), em 2003 eu já antevia que a atividade didática me agradaria bastante. Até hoje sofro com a preparação de um curso novo, em que cada aula me custa no mínimo dois ou três dias de leitura e reflexão, mas o contato e o debate com os alunos após o solilóquio da preparação são sempre instigantes, mesmo quando percebo que uma certa questão ainda não está bem resolvida e deve ser revista ou aprimorada para a aula seguinte. Isto inclusive me gerou um certo vício cognitivo: eu só fico plenamente seguro de ter aprendido algo depois de ter preparado uma aula a respeito e exposto aos alunos.

Meu concurso foi em junho de 2003 e já fui obrigado a assumir aulas do primeiro ano em agosto, tendo de entregar meu relatório de pós-doc no mesmo mês. Por isso, embora já estivesse um pouco exausto de Pascal, a alternativa mais razoável parecia ser oferecer um curso de seminários sobre os principais temas desse autor, cuja obra eu dominava bem e cuja preparação, por isso, deveria ser mais fácil. Por um lado, foi um equívoco: rapidamente percebi que conhecer um tema ou um filósofo não são o mesmo que preparar um curso sobre ele. Além disso, também ficou claro para mim que preparar um curso novo sobre um autor e estar simultaneamente obrigado a escrever sobre outro, ainda mais com prazos apertados, é uma tarefa complicada. Três ou quatro dias ficavam presos na preparação e nas aulas sobre Pascal; quando sobravam um ou dois dias na semana (lembrando que foi um período de reuniões muito frequentes), eu estudava Leibniz, mas antes que eu fosse capaz de formular algo a respeito, a semana já havia acabado e eu tinha

de voltar à preparação das aulas sem ter escrito uma linha do relatório. Na semana seguinte, a história se repetia, pois eu era obrigado a reler muito do que havia estudado na semana anterior, parcialmente apagado da memória pelo intenso envolvimento que o curso produz. Por outro lado, não posso dizer que me arrependo da escolha, pois foi um curso muito prazeroso, que encontrou uma turma de primeiro ano que muito rapidamente se entusiasmou com Pascal e com o formato que eu havia dado aos seminários, com intervenções frequentes e muito estímulo ao debate entre os expositores e ouvintes. Centrando-me inicialmente na crítica pascaliana a Descartes, consegui evitar (ou pelo menos postergar) a resistência que os alunos de filosofia habitualmente têm a discussões de fronteira entre filosofia e teologia, o que é inevitável em Pascal. Em meio ao sufoco em que vivia naqueles primeiros meses, a receptividade dos alunos fazia que as horas em sala de aula fossem um verdadeiro refúgio.

Os cursos subsequentes foram escolhidos com mais tranquilidade, sobretudo porque os professores de Moderna constituíram efetivamente uma área, discutindo e planejando nossa participação na graduação, quase sempre com espaço para aproximar os conteúdos de curso e nossas pesquisas individuais. Já habituados ao trabalho em conjunto no Grupo de Estudos Espinosanos, eu, Marilena Chaui e, a partir do ano seguinte, Homero Santiago, nos entendemos de imediato, revezando nossas presenças em Moderna I, no primeiro ano, nas optativas e na pós (nesse caso, só Marilena), tanto em função de nossos interesses individuais de pesquisa quanto em função dos temas de discussão no grupo de estudos. Nossa participação geral na graduação ficou estabelecida desde o início. Como o século XVII é praticamente obrigatório no primeiro ano de curso, sobretudo com Descartes, e oficialmente obrigatório em Moderna I, com um dos grandes racionalistas (em geral Leibniz ou Espinosa), foi preciso nas décadas anteriores que professores de outras especialidades assumissem essas disciplinas, como aliás já relatei na primeira parte deste memorial, ao falar de minha graduação. A partir de 2004, com a constituição de uma área de Moderna com três professores, cabia-nos tomar a frente dos estudos seiscentistas no departamento também na graduação. Isso não significa que professores de outras áreas não continuem ensinando esses autores, o que aliás é muito benéfico para o curso como um todo, mas pelo menos um de nós estaria sempre presente na equipe do primeiro ano, apresentando aos alunos o tipo de abordagem que desenvolvemos em anos de estudo em

conjunto, sempre com um olhar atento para os debates de época que suscitaram os textos clássicos. Em Moderna I, eu e Homero (e eventualmente Marilena) alternaríamos o estudo de Leibniz e Espinosa, e nas optativas inseriríamos outros autores relevantes do século, como Bacon e Pascal, de acordo com o andamento de nossas pesquisas.

Assim, em 2004, eu dei meu primeiro curso expositivo, em Moderna I, sobre a Metafísica de Leibniz. Apesar de meu viés crítico a Leibniz já ter começado a manifestar-se a esta altura, foi um enorme alívio poder conciliar a preparação das aulas com o tema de meu projeto de pesquisa, evitando o sufoco de me dividir em dois universos totalmente distintos, como ocorrera no semestre anterior (e inevitavelmente voltaria a ocorrer algumas vezes nos anos seguintes, por maior que fosse o planejamento). O curso consistia em uma análise do *Discurso de Metafísica* de Leibniz (primeira apresentação completa de seu sistema), comentada a partir da *Correspondência com Arnauld* e confrontada com as novidades do Leibniz maduro (principalmente da *Teodicéia* e da *Monadologia*). A abrangência do *Discurso* me levou a refletir sobre quase todos os principais temas da filosofia de Leibniz, os quais, como em todo bom sistema, remetiam-se continuamente uns aos outros, obrigando-me a expor aos alunos toda a complexa e delicada construção do edifício conceitual leibniziano. Vim a repetir este mesmo curso em 2005, aprimorando aspectos que haviam ficado incompletos da primeira vez e cristalizando melhor minha visão crítica sobre o autor, o que se traduziu em alguns dos artigos que deram origem à primeira parte da tese que se segue; e uma última vez em 2007(foi o único curso que já repeti mais de uma vez), já de partida para terras espinosanas. Naquele ano, ingressou no departamento a colega Tessa Moura Lacerda, fiel especialista em Leibniz, que passou a incumbir-se dos cursos sobre o autor desde então.

Não tenho intenção de voltar a Leibniz por algum tempo, a não ser por necessidades de orientação (meus primeiros orientandos, que acompanhei desde a iniciação científica, estudam Leibniz: uma já é professora e o outro está no meio do doutorado), mas tenho de confessar que os cursos que dei confirmaram que este filósofo exerce um verdadeiro fascínio sobre os alunos. O mesmo entusiasmo que tive na graduação, ao estudá-lo com Carlos Alberto Ribeiro de Moura e depois com Franklin, eu via repetir-se com meus próprios alunos, de uma maneira que eu nunca consegui reproduzir no mesmo nível com

Pascal e Descartes, e seguramente não com meu bem amado Espinosa. Mesmo quando descrentes de algumas teses ontológicas do sistema, os alunos se deixam enlevar pela estrutura lógica do mesmo, cujos pontos fracos não são tão fáceis de detectar (como mostro na tese). Além do envolvimento dos alunos no curso, também sobre Leibniz foram as melhores dissertações que corriji no Departamento, o que sempre me deixou intrigado. Recentemente, em uma banca de qualificação, conversei sobre isso com Franklin, que acha que a amplitude do sistema, apesar da dificuldade inicial de leitura, produz uma sensação de conforto nos alunos, como se fosse capaz de responder a tudo, sem deixar dúvidas, o que explicaria o entusiasmo por um filósofo que, nas palavras de Franklin, não poderia ser mais distante da realidade. Talvez seja uma boa explicação, mas para mim, pessoalmente, os anos de leitura deste filósofo deixaram mais evidentes as inconsistências do sistema do que o conforto das soluções oferecidas. De qualquer maneira, as preocupações despertadas na pesquisa e nos cursos sobre Leibniz foram em parte o que me motivou a organizar o livro *Necessidade e Contingência na Modernidade*, reunindo artigos sobre este tema que mobilizou não só a mim, mas a vários pesquisadores vinculados ao nosso primeiro projeto temático. Infelizmente, porém, devido aos atrasos dos autores e da editora, o livro acabou saindo apenas em 2009.

Em 2006, de novo no primeiro ano, dei meu primeiro curso sobre Descartes, centrado nas *Regras para direção do Espírito*. Embora Descartes nunca tenha sido meu objeto de pesquisa, há muito eu queria ler mais profundamente esse autor que me introduziu à filosofia, como a todos os estudantes da USP. Desde meu primeiro ano como aluno, eu não mais tivera a oportunidade de estudá-lo por si mesmo, sem as lentes críticas de Pascal, Leibniz ou Espinosa, tão duros com o pai da filosofia moderna. O resultado me agradou muito e me fez voltar outras vezes a Descartes no primeiro ano (embora com diferentes obras), não só porque os alunos apreciam o projeto cartesiano, mas sobretudo porque este estudo me permitiu compreender melhor as razões que fazem Descartes cair nos “erros” apontados pelos filósofos posteriores. Não fosse ter reduzido a ação de Deus a um “piparote” (o que não é bem verdade, se levarmos em conta a criação continuada), como acusa Pascal, não teria sido possível renovar a física moderna. A obscuridade da união substancial, criticada por Espinosa, revela a percepção de uma dimensão do real que é tão obscura quanto irrecusável. E por aí vai. Foi no contexto desta feliz redescoberta de

Descartes que eu escrevi (mais uma vez por encomenda) um artigo sobre a moral em Descartes (*Apontamentos sobre a moral em Descartes*). Trata-se de um texto introdutório e, por isso mesmo, demasiado amplo, passando pelos principais escritos do autor a esse respeito, com direito a uma apresentação do plano geral do *Tratado das Paixões*.

Depois disso, a partir de um convite para um colóquio internacional sobre Pascal realizado no ano anterior, em função do qual eu voltara à questão da natureza humana em Pascal, retomando uma discussão de meu mestrado, decidi dar outro curso sobre esse filósofo, desta vez na optativa Moderna III (“A ideia de natureza em Pascal e seus antecedentes”). O título do curso já indica a armadilha que armei para mim mesmo no momento de retornar a meu filósofo de formação. O curso pretendia refazer o percurso da ideia de natureza, passando pela *Física* de Aristóteles, onde está a matriz do conceito; por Agostinho, onde surge a ideia de natureza corrompida e inclinada para um fim diverso do natural (a salvação); por Suarez, que introduz o conceito teológico de pura natureza (uma noção apenas teórica, diversa tanto da condição privilegiada de Adão, acima do natural, quanto da do homem corrompido, abaixo do natural), fundamental para entender as polêmicas teológicas da época, pois apresenta a única natureza de certo modo “devida” por Deus à criatura, isto é, uma natureza capaz de alcançar por si mesma a realização de seu fim natural (uma beatitude que não se confunde com a salvação), sem o auxílio da graça (só necessária para o fim sobrenatural); e finalmente passando por Jansénius e Pascal, frontalmente contrários à noção de pura natureza, o que os obriga a retomar um agostinismo radical centrado nas concepções de corrupção e graça dos textos anti-pelagianos. É mais do que óbvio que não teria tempo de chegar a Pascal, como de fato não cheguei. Quase três meses do curso foram tomados por Aristóteles e Agostinho, autores que não domino (principalmente o primeiro), e cujas aulas exigiram uma preparação longuíssima. Suarez, mesmo ocupando menos tempo de curso, foi igualmente complexo, pois o texto de referência para a questão, o *De Natura*, não tem traduções, o que me obrigou a quebrar a cabeça com um latim difícilíssimo. Sobre Pascal, restou um comentário de uma aula, basicamente reformulando um capítulo do mestrado, agora enriquecido pela compreensão mais concreta de seus adversários. Pergunto-me se um programa tão extenso não foi uma estratégia inconsciente para postergar meu verdadeiro retorno a Pascal, que deve ocorrer no primeiro semestre de 2013. Explicações psicológicas à parte, concluí que

não deveria mais repetir cursos temáticos que passem por vários filósofos; de um lado porque falta-me fôlego e tempo para lidar com muitos autores fora de minha especialidade, de outro porque a absorção dos alunos de graduação é lenta, precisando de um bom período de estudo sobre cada autor. O resultado é que os alunos acabavam concentrando-se em um dos filósofos tratados, preparando a dissertação sobre ele, e depois que este autor saía de pauta perdiam o interesse pelo resto do curso. De qualquer modo, o trabalho desse semestre produziu o artigo *Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito de natureza em Pascal*, por encomenda dos organizadores do mencionado colóquio.

No segundo semestre de 2007, por ocasião de meu segundo relatório de RDIDP, formalizei junto à Universidade o encerramento de meu projeto de pesquisa sobre Leibniz e o início de um projeto sobre Espinosa, ainda focado no tema *Necessidade e Contingência*, como expliquei na introdução à tese. Depois de anos ouvindo meus colegas discutirem Espinosa no grupo de pesquisa, de coordenar informalmente a tradução da *Ética*¹ e de conduzir seminários de iniciação científica sobre os *PPC*, finalmente eu me sentia seguro para dar cursos sobre este autor, que para mim era tão fascinante quanto hermético. Não que minha mente moldada na filosofia cristã não tivesse hesitações, porém me era claro que a opacidade com que o pensamento de Espinosa se me apresentava só seria quebrada quando este filósofo estivesse no centro de minhas atividades de pesquisa e, sobretudo, de ensino (lembrem-se de meu vício cognitivo...). Após alguns anos lidando majoritariamente com um filósofo (Leibniz) por um viés muito crítico e, ao final, até com certa má vontade, foi com grande entusiasmo que passei a trabalhar sistematicamente com Espinosa, cujas soluções para os problemas que mais me interessavam (a liberdade, a eternidade, a virtude) me seduziam. Em vez de procurar incansavelmente os “furos” de um sistema, como fizera com Leibniz, passei a buscar compreender e esclarecer os (não poucos) pontos obscuros do sistema espinosano. Esse olhar mais cheio de expectativa do que de desconfiança com relação ao objeto de estudo tornou muito mais prazeroso meu trabalho de pesquisa, coisa que não sentia desde meados do doutorado, quando ainda tinha uma profunda afinidade com Pascal.

¹ Ver a introdução “Um trabalho espinosano”, em anexo.

Daí decorreu uma sucessão quase ininterrupta (as poucas infidelidades cartesianas foram nos seminários de primeiro ano) de cursos sobre Espinosa, autor que também foi praticamente o único objeto de minhas falas públicas nos últimos anos. Tal constância pôde dar-se sem dificuldade porque, de um lado, meu colega Homero Santiago estava provisoriamente voltado a questões de filosofia contemporânea, deixando a disciplina obrigatória de Moderna para os colegas de área, e, de outro lado, o ingresso da professora Tessa Lacerda garantiu a manutenção de cursos sobre Leibniz. O primeiro curso que ministrei foi no primeiro ano, sobre o *Tratado da emenda do Intelecto*, texto mais convidativo para os calouros, não pelas dificuldades intrínsecas (que estão entre as maiores da obra de Espinosa), mas por escapar à árida ordem geométrica da *Ética*. Seguiram-se depois quatro cursos, respectivamente sobre as partes I, II, III e IV da *Ética*, enfrentando linha a linha a cerrada argumentação do filósofo.

Como mencionei antes, esses cursos nunca despertaram nos alunos o mesmo entusiasmo que eu vira nos cursos sobre Leibniz, seja por causa da pouco amistosa ordem geométrica, que eu me propusera a enfrentar sem facilidades, seja pelo caráter perturbador das teses do filósofo holandês. Os alunos (e também eu, ao preparar as aulas) tinham enorme dificuldade em decifrar as demonstrações e compreender as teses, e quando enfim o faziam ficavam chocados com o que encontravam. Nada mais longe do mencionado “conforto” que se achava no sistema leibniziano, não tanto por causa da amplitude do sistema e sua capacidade de responder às questões colocadas (o que está igualmente presente em Espinosa), mas porque a compreensão dessas respostas e de suas demonstrações implica não só esforço analítico, mas também uma radical mudança na maneira de pensar a realidade e a própria filosofia, coisa que a abstração das mônadas e da harmonia preestabelecida, em toda a sua complexidade conceitual, não viera para emendar, e sim para conservar². Compreender Espinosa (e novamente falo tanto dos alunos como de mim mesmo) implica uma dolorosa descristianização do pensar, dolorosa porque operada pelo pensar sobre si mesmo, e em certo sentido contra si mesmo, sem o apoio reconfortante, por exemplo, da ironia de um Voltaire. Que ao final a razão se faça alegria, como afirma o próprio Espinosa, não há dúvida, porém a imaginação resiste até o fim, vendendo cara e lentamente sua derrota. Talvez seja mesmo injusto exigir dos alunos o entusiasmo imediato.

² Como diz Tancredi, de *Il Gattopardo*, “se vogliamo che tutto rimanga come è, bisogna che tutto cambi”.

O PROJETO CAPES-COFECUB E O ESTÁGIO NO EXTERIOR

Em 2008, quando minha conversão ao espinosismo já estava em curso, o professor André Martins, da UFRJ, gentilmente me convidou (junto com Marilena Chaui, Homero Santiago e outros pesquisadores de nosso grupo) a integrar o núcleo espinosano de um projeto CAPES-COFECUB sobre Espinosa e Nietzsche, com membros de várias universidades. Eu e Homero seríamos os responsáveis pelas atividades uspianas dos membros estrangeiros e, em consequência, também pela organização de um grande Colóquio internacional previsto para 2009. Em 2010, por outro lado, tínhamos a possibilidade de fazer um estágio pós-doutoral de até um ano na França. No primeiro momento, meu impulso foi recusar. De um lado, porque minha experiência de organização de um grande evento (a Anpof de 2002) fora traumática; de outro, porque meu estágio sanduíche na França havia sido um pouco decepcionante, se não pelo inestimável trabalho na Biblioteca Nacional, pelo menos pelo ambiente acadêmico encontrado. Minha ideia era fazer um pós-doc em outro país, talvez Itália ou Alemanha, para conhecer um meio universitário diverso. Rapidamente, porém, percebi que seria um equívoco perder essa oportunidade, e, se haveria a trabalhadeira de um grande congresso, ao menos eu sabia que teria em Homero um companheiro confiável e eficaz na empreitada.

Como eu previa, e até um pouco mais, a organização do evento foi trabalhosíssima. Não vem ao caso descrever os detalhes, visto que todos sabem, no meio acadêmico, quais são as agruras de um evento deste porte, com vários convidados internacionais, perto de duzentas falas, centenas de inscritos, coquetel, filmagem e produção de DVDs, prestação de contas para duas agências, etc. ; isso tudo num clima de extrema tensão, pois a Fapesp, a quem fizéramos a solicitação com três meses de antecedência, só liberou o dinheiro para as passagens internacionais uma semana antes do evento. De qualquer modo, o resultado foi bastante satisfatório, pelo menos dentro do que se pode esperar de congressos de grande porte, e a experiência de organização foi valiosa. Eu já tinha organizado duas jornadas sobre Leibniz no departamento (e auxiliado bastante em todas as outras, promovidas anualmente por nosso Grupo de Estudos), eventos modestos cujo custo financeiro e administrativo é relativamente pequeno. Também havia participado da organização da

Anpof, mas não de todas as etapas, perdendo assim a visão de conjunto do evento. Depois do Spinoza-Nietzsche, passei a conhecer todos os trâmites e dificuldades de uma tal produção, tendo inclusive uma visão bem clara do que vale a pena ou não fazer, de modo que me sinto plenamente capacitado, embora nada tentado, a promover outros congressos desse porte. Cumpre notar também que a partir das conferências do congresso, eu, Homero e André Martins organizamos o livro *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*.

A prestação de contas do congresso também demorou um bocado, entre outras razões porque coincidiu com um dos episódios mais lamentáveis da história recente da USP: o cerco de nossa faculdade pela polícia militar, com direito a bombas de gás lacrimogêneo (ainda me lembro dos recibos e bilhetes aéreos perfilados na sala da chefia, quando eu e a secretária do departamento sentimos o cheiro de fumaça que invadia o prédio). Terminada a prestação, bem como o tenso período político que se seguiu na Universidade, com greves e assembleias constantes pedindo a saída da polícia do campus (Mal sabíamos que a reitoria seguinte transformaria essa exceção em normalidade, com a anuência da maior parte da universidade!), eu estava completamente exaurido. O cansaço me fez vencer todas as resistências que tinha à viagem ao exterior e ver como uma benção a possibilidade de me afastar por um ano da rotina universitária. A previsão era que eu fosse no segundo semestre de 2010, porém problemas de organização do projeto me obrigaram a partir apenas no início de 2011.

Diferentemente da primeira vez, essa segunda viagem a Paris foi extremamente positiva em todos os sentidos. Não só pude fazer uma boa pesquisa bibliográfica na BNF, como também tive uma interlocução bem mais positiva com os pesquisadores franceses. Não sou nem nunca serei dado às “relações públicas”, mas a colega que me recebeu na Sorbonne, Chantal Jaquet (que eu conhecera no Brasil e de quem traduzira um pequeno e interessante livro sobre Espinosa), devido a sua delicadeza e diplomacia, é o centro de uma “rede” espinosana bastante extensa na França, promove os seminários parisienses do Groupe de Recherches Spinozistes e organiza regularmente eventos sobre Espinosa. Por isso pude ter contato com as pesquisas mais recentes sobre o filósofo, seja da parte de especialistas reconhecidos, como de estudantes de doutorado, que com o apoio de Chantal organizaram uma Jornada espinosana muito proveitosa, além de promoverem mensalmente

um descontraído “atelier de lecture” aberto ao público geral. Apesar do debate no grupo de Chantal ser bem mais intenso do que no grupo de Armogathe, que eu frequentara dez anos antes, ainda havia uma hierarquia muito rígida que afastava os jovens da discussão, além de uma certa tensão nos expositores, como se estivessem prestes a ser duramente atacados (o que nunca vi acontecer, embora eles respondessem como se assim fosse). Por isso, a despeito da notável formação filosófica dos professores franceses, ainda acho que os seminários brasileiros são mais produtivos. Mesmo assim, penso que a experiência acadêmica foi muito positiva. No final de minha estadia, participei da terceira edição do Colóquio Spinoza-Nietzsche, na Universidade de Paris-Nanterre, apresentando uma versão resumida do ensaio sobre as ideias de modos inexistentes, presente nesta tese. A mistura de franceses e brasileiros (e talvez também o fato de ser fora de Paris) criou um ambiente muito saudável de discussão, no qual meu trabalho foi bem recebido, apesar de haver muito mais nietzschianos do que espinosanos na plateia.

Do ponto de vista bibliográfico, a viagem foi fundamental, embora muito pouco do que li tenha me ajudado diretamente. A leitura serviu para comparar minha interpretação dos modos inexistentes e da eternidade com a dos principais comentadores, e mesmo com alguns menos conhecidos, não disponíveis no Brasil. De tudo que li, os melhores ainda foram mesmo os clássicos Matheron e Rousset, ainda que discorde de ambas as soluções. Independente disso, o embate com outras interpretações me auxiliou a esclarecer melhor meu texto e a estar mais seguro de minhas hipóteses. Todavia, mais importante do que tudo isso foi a oportunidade de ter tempo livre para amadurecer as ideias. Depois de oito anos espremendo meus estudos entre compromissos didáticos, bancas, eventos e reuniões departamentais, finalmente eu podia me guiar pelo tempo da pesquisa em vez do calendário universitário. Enquanto no Brasil, ao fim de alguns dias de estudo, tenho de redigir “do jeito que der”, pois sei que depois ficarei semanas sem poder refletir sobre aquele assunto, na França eu podia me dar ao luxo de tomar mais uma semana para ler um livro a respeito, e mais outra para reler a *Ética* e testar minha interpretação, e mais outra, se fosse o caso, para aprimorar a redação etc. Grande parte da alegria do estágio no exterior foi o reencontro do tempo, e sobretudo da determinação autônoma do uso dele, o que não é possível na rotina universitária.

Graças a este reencontro com o tempo, foi possível assumir uma tarefa delicada, que fui um tanto imprudente por aceitar, mas de cujo resultado hoje me orgulho imensamente. Por estar na França, e sobretudo por ter tempo, meus colegas Homero Santiago, Ericka Itokazu e André Rocha, coordenadores da coleção espinosana da Editora Autêntica, propuseram-me a revisão de uma tradução que havia sido feita para o *Breve Tratado*, obra de Espinosa inédita em língua portuguesa. Sabendo que eu conhecia pouco o holandês, eles não esperavam de mim mais do que um cotejo com outras edições de referência, como a italiana (de Filippo Mignini) ou a recente tradução francesa (de Joël Ganault). Entretanto, “já que tinha tempo”, pensei em fazer algo mais ousado, e estudei intensamente o holandês por algum tempo, antes dos originais da tradução chegarem. Sabendo inglês e alemão, das quais o holandês é quase uma mistura, e com a revisão gramatical recente, fui capaz de ler o texto no original, ainda que com dificuldade. Ao chegar a tradução, porém, percebi que o trabalho havia sido feito a partir de outras traduções e afastava-se muito do original. Eu não poria meu nome ali se não fosse para refazer o trabalho, garantindo toda a fidelidade possível. O outro tradutor foi consultado e aceitou minha interferência, de modo que então passei a aprimorar e, em vários casos, retraduzir capítulos inteiros, com a preocupação adicional de uniformizar o vocabulário. Em conjunto, chegamos a uma versão que considero bastante satisfatória e até mais fiel do que as traduções disponíveis em outras línguas. De volta ao Brasil, Ericka Itokazu fez uma minuciosa revisão, agora centrada na fluência do texto, visto que a fidelidade já estava garantida, e Marilena Chaui deu valiosas sugestões adicionais, ligadas as polêmicas na interpretação do tratado. A empreitada, desde que recebi a primeira versão até o envio à editora, levou mais de um ano, mas o resultado me contentou bastante e já recebeu elogios de especialistas brasileiros e portugueses. Tenho certeza de que agora este texto de Espinosa será mais lido e estudado no Brasil, o que me orgulha ainda mais do que os ensaios que escrevi para esta tese durante o estágio na França. Tudo isso graças ao tempo...

OS LIVROS PARADIDÁTICOS

De volta ao Brasil, em fins de 2011, não pude dedicar-me imediatamente ao término da tese, como eu inicialmente previra, pois tive de retomar dois compromissos assumidos

anteriormente para escrever livros paradidáticos. Um deles, de fato, já estava pronto: era um livro encomendado pela Editora Globo e intitulado *O Mal*. Este livro faria parte de uma coleção temática de filosofia cujos primeiros volumes haviam sido lançados com relativo sucesso, e tinham como público-alvo estudantes universitários de humanidades sem formação prévia em filosofia. O pedido fora feito em 2009, mas eu o prometi para 2010, antes de partir para o pós-doutorado no exterior. O roteiro que concebi partia de Agostinho para apresentar, de um lado, a concepção negativa de mal e, de outro, a ideia de corrupção; passava então por Pascal e Leibniz, cada um dos quais desenvolve um dos aspectos da matriz agostiniana; ia depois a Voltaire, com sua crítica a Leibniz no *Cândido*, e terminava com Hannah Arendt e a banalidade do mal. Desde a experiência na revista *Cult*, eu não havia trabalhado na produção de material para não especialistas, de modo que tive de fazer várias versões do livro até chegar ao tom adequado, com fluência e didatismo, mas sem baixar o nível das questões. Terminado o livro e já de malas prontas, o organizador da coleção me ligou dizendo que o antigo editor se aposentara e a coleção fora extinta, ou seja, fui a Paris achando que meses de trabalho tinham ido para a lata do lixo.

Quando voltei, consultei vários colegas sobre possibilidades de publicação do material e me foi dito que ele poderia entrar numa nova coleção, voltada para o ensino médio, que o próprio Departamento de Filosofia iria organizar. Mais que depressa propus o livro, que foi aceito, mas naturalmente tive que fazer alguns ajustes, terminados em agosto último. Como a coleção ainda não foi lançada, deixei uma cópia não diagramada do material junto dos outros livros publicados.

Tive mais sorte com outra coleção, agora da Martins Fontes, chamada *Filosofias: o prazer de pensar*. Esta tinha um público-alvo um pouco mais amplo que a da Globo, incluindo o ensino médio, e se propunha volumes mais curtos. Foi-me encomendado um livro intitulado *A existência e a morte*, que prometi para o início de 2012, depois que voltasse de viagem. De novembro de 2011, quando cheguei ao Brasil, até fevereiro de 2012, concentrei-me neste pequeno livro, cujo ponto de partida é a visão estoica da morte tal como descrita por Sêneca, dando destaque à questão do suicídio, que ganha outra cor quando lembramos como morreu o filósofo romano. Daí passo diretamente ao século XVII, minha zona de conforto, onde me centro em Pascal e Espinosa, ambos leitores de Sêneca,

que no entanto o criticam por vias diversas. Pascal, sob o peso da teologia jansenista, critica a naturalidade que Sêneca atribui à morte. Espinosa, considerando que a essência das coisas é *conatus* ou esforço de perseverar na existência, não pode aceitar que o suicídio, em certas circunstâncias, seja manifestação de liberdade, tal como afirma Sêneca. Como manda o formato da série, o modesto livrinho, já publicado, se conclui com algumas indicações de aprofundamento do tema através de outros filósofos, da literatura e do cinema. Apesar de escrito para um público amplo, o livro dialoga com meu ensaio sobre as ideias de modos inexistentes, que se encerra justamente com o problema do suicídio.

O ano de 2012 foi dos mais ocupados de minha carreira, mas depois do estágio na França eu já começava a sentir saudade da rotina universitária, de modo que não me queixo do excesso de atividades. Além de cursos sobre Espinosa (a parte IV da *Ética*) e Descartes, dos dois pequenos livros e da demorada revisão da tradução do *Breve Tratado*, dois acontecimentos me deixaram muito contente e seguro de que já estava na hora de me apresentar para a livre-docência: depois de mais de 10 anos, conseguimos terminar a tradução da *Ética*, com uma última e fina revisão do português e do latim, que dividi entre vários participantes do Grupo. Infelizmente, a obra ainda não foi publicada pela Edusp, por isso fiz questão de anexar a introdução que preparei, descrevendo o gigantismo da tarefa e as características do processo de tradução coletiva. Além disso, em agosto de 2012, minha primeira aluna, Celi Hirata, a quem orientei desde a iniciação científica, defendeu seu doutorado (sobre o princípio de razão suficiente em Leibniz e Hobbes). Como sempre achei que minha principal missão no departamento era a formação de alunos (meus e de outros colegas que se dispusessem a trabalhar em conjunto no nosso Grupo), não poderia prestar o concurso de livre-docência antes de ver realizada esta etapa.

CURRICULUM VITAE

1.Dados Pessoais

nome: Luís César Guimarães Oliva

Data de Nascimento: 27 de março de 1971.

Endereço: R. Caiowáa, 1884, apto.51, bairro Sumaré, São Paulo/SP.

Telefone: 5584-9266

CPF: 278.267.348-35

RG: 20.913.218.

2. Formação Acadêmica

1985 - Conclusão do Primeiro Grau, Colégio São Luís, SP.

1988 - Conclusão do Segundo Grau, Colégio São Luís, SP.

1989 - Ingresso no Curso de Direito da Universidade de São Paulo e no Curso de Jornalismo da PUC-SP. - Incompletos.

1990 - Ingresso, como primeiro colocado do vestibular, no Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1993 - Obtém título de Bacharel em Filosofia.

1994 - Ingresso no Curso de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do prof. Franklin Leopoldo e Silva.

1996 - Obtém título de Mestre em Filosofia com grau Dez com distinção e louvor. Título da Dissertação: *“A Questão da Graça em Blaise Pascal”*.

1997 - Ingressa no curso de Doutorado no mesmo Departamento e com o mesmo orientador.

2002 – Obtém título de Doutor em Filosofia, sendo aprovado com distinção e louvor, além de recomendação para publicação da tese. Título da Tese: *“As Marcas do Sacrifício – Um estudo sobre a possibilidade da História em Pascal”*.

2003 – Ingressa no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP como Professor de História da Filosofia Moderna

2011- Estágio pós-doutoral na Université de Paris I- Panthéon-Sorbonne, sob a supervisão da Professora Chantal Jaquet.

3.Experiência profissional

1997-99 Professor de filosofia da Universidade Ibirapuera – SP.

2003- Professor de História da Filosofia Moderna do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

4.Bolsas e auxílios recebidos

- Bolsa de Iniciação Científica pela FAPESP de 1992 a 1993, com o projeto "Corrupção e Salvação em Blaise Pascal".
- Bolsa de Mestrado CAPES (94 a 96).
- Bolsa de Doutorado FAPESP (99 a 02).
- Bolsa de pós-doutorado FAPESP (2002 a 2003) junto ao depto. de Filosofia da USP.
- Auxílio da FAPESP para publicação do livro *As marcas do sacrifício. Um estudo sobre a possibilidade da História em Pascal*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2004.
- Bolsa de pós-doutorado CAPES (2011) junto à Université de Paris I – Panthéon Sorbonne.

5. Atividades acadêmicas

5.1. Participações em comissões e entidades universitárias:

- Representante do Depto. de Filosofia junto ao Centro de Estudos Portugueses da USP (2007-atual)
- Responsável pela tutoria de alunos estrangeiros no curso de Filosofia (2006-atual).
- Membro suplente da Comissão de Cultura e Extensão da FFLCH-USP (2012-atual).
- Vice-coordenador de graduação do Depto. de Filosofia da USP (2013-atual).
- Membro da comissão de bolsas do Programa de Pós-graduação em Filosofia da USP.

5.2. Participação em Seminários e Grupos de Pesquisa:

- * Grupo de Estudos de Filosofia Política (USP), sob a orientação da Prof. Maria das Graças de Souza (1991 a 1993).
- * Seminários do CEPAME - Centro de Estudos de Filosofia Patrística Antiga e Medieval (1994 a 1997).
- Grupo de Estudos Espinosanos (USP), sob a direção da Prof. Marilena Chaui (1997 - atual).

5.3. Coordenação de Seminários de formação de jovens pesquisadores:

Também no âmbito das atividades do *Grupo de Estudos Espinosanos*, mas fora de seu horário habitual, coordenei de 2006 a 2009 um seminário quinzenal, voltado para jovens pesquisadores (iniciação científica e mestrado) e focado na filosofia do século XVII, que teve a seguinte programação:

Primeiro semestre de 2006: Livro I dos *Princípios da Filosofia*, de Descartes.

Segundo semestre de 2006: *Princípios da Filosofia Cartesiana*, de Espinosa.

Primeiro semestre de 2007: *Observações aos Princípios de Descartes* e trechos da *Correspondência com Arnauld*, de Leibniz.

Segundo semestre de 2007: *Pascal para além dos Pensamentos*.

Segundo semestre de 2008: *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano*, de Galileu.

Primeiro semestre de 2009: *De Corpore*, de Hobbes.

Segundo semestre de 2009: *Tratado das Paixões da Alma*, de Descartes.

5.4.Participação em projetos de pesquisa com financiamento público:

- Pesquisador associado e tesoureiro do Projeto Temático na FAPESP *Experiência e Razão no Pensamento Moderno* (proc. 02/06736-4) que envolvia diversos pesquisadores de vários níveis, além de outros cinco professores do Departamento de Filosofia: Marilena Chaui (coordenadora), Franklin Leopoldo e Silva, Maria das Graças de Souza, Olgária Matos (pesquisadores especiais) e Homero Santiago (pesquisador associado). O projeto estendeu-se de 2002 a 2006.

- Pesquisador associado e tesoureiro do Projeto Temático- FAPESP intitulado *Ruptura e Continuidade: Investigações sobre a relação entre Natureza e História* (proc. 07/56080-1), que envolve diversos pesquisadores de vários níveis, além de outros sete professores do Departamento de Filosofia: Marilena Chaui (coordenadora), Franklin Leopoldo e Silva, Maria das Graças de Souza, Olgária Matos (pesquisadores especiais), Alberto Barros, Tessa Moura Lacerda e Homero Santiago (pesquisadores associados). Além destes, participam também colegas de outras universidades, como UNIFESP, UNESP, UFSCAR e PUCCAMP (2007, em andamento).

- Pesquisador colaborador do projeto CAPES-COFECUB N. 611/08 (*Crises e anátemas da modernidade filosófica: Spinoza e Nietzsche como sismos na metafísica da subjetividade*), coordenado pelo prof. Dr. André Martins (UFRJ).

Resumo: Spinoza e Nietzsche representam, cada um a seu modo, pedras de tropeço na marcha triunfal da racionalidade emergente na modernidade, tanto em seu apogeu, quanto no esgotamento de suas virtualidades. O projeto tem como objetivo aprofundar o estudo das relações entre esses dois pensadores, de um ponto de vista historiográfico e conceitual, assim como revisar a contribuição crítica de ambos para pensar os problemas e dilemas de nosso próprio tempo. Trata-se de um convênio Capes-Cofecub envolvendo as seguintes

universidades: UFRJ, USP, Unicamp, Université d'Amiens, Université de Reims (2008-2011).

- Pesquisador colaborador do Convênio CAPES-Mincyt *Ruptura e Continuidade: Investigações sobre a relação entre Natureza e História a partir de sua formulação pelo Grande Racionalismo Seiscentista (projeto n. 162-09)*

Resumo: O acordo de cooperação e pesquisa congrega os programas de pós-graduação em filosofia da Universidade de São Paulo, Brasil, e da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, por meio dos grupos de pesquisas coordenados pelos professores Marilena de Souza Chaui e Diego Tatián. No Brasil, as atividades são financiadas pela CAPES; na Argentina, pelo MINCYT. O acordo prevê o intercâmbio de doutorandos e pós-doutorandos, bem como a realização de missões de trabalho de professores dos dois países. O projeto de investigação se volta para a elaboração das relações entre Natureza e História na Filosofia do Século XVII buscando não somente as concepções seiscentistas, mas também o legado sobre o qual se apóiam, bem como as críticas e retomadas das formulações dos Seiscentos na filosofia posterior, particularmente na Ilustração Francesa, no Idealismo Alemão e em alguns filósofos contemporâneos, como Nietzsche, Merleau-Ponty, Deleuze e Foucault (2009-2011).

5.5.Outras informações relevantes:

- Desde 1994 participa das Reuniões Bienais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) fazendo comunicações, como participante do GT Pensamento do século XVII.

- De 1997 a 2007 participou das Reuniões da Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII.

- Desde 2001 participa da Comissão Editorial dos *Cadernos Espinosanos* da USP.

- Foi membro do Comitê Organizador da ANPOF (2002).

- Faz parte do corpo de pareceristas das seguintes publicações:

- *Cadernos Espinosanos* (USP)

- *Cadernos de Ética e Filosofia Política* (USP)

- *Dois Pontos* (UFPR)
- *Trans/Form/Ação* (UNESP)
- *Horizonte* (PUC-MG)
- *Pro-posições* (Unicamp)
- Já realizou pareceres para as editoras Discurso e UFBA.
- Sociedades acadêmicas a que pertence:
Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF).

6. Ensino e orientação

6.1. Disciplinas ministradas:

Segundo semestre de 2003

Filosofia Geral: “Pascal crítico de Descartes”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2004

História da Filosofia Moderna I: “Introdução à metafísica de Leibniz”, vespertino e noturno.

Seminários do programa departamental de Iniciação Científica: “Leitura de *As Origens Intelectuais da Revolução Inglesa*”, de Christopher Hill, diurno.

Segundo semestre de 2004

Filosofia Geral: “Pascal crítico de Descartes”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2005

História da Filosofia Moderna I: “Introdução à metafísica de Leibniz”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2006

Introdução à Filosofia: “O método cartesiano nas *Regras para a Direção do Espírito*”, vespertino e noturno.

Segundo semestre de 2006

História da Filosofia Moderna III: “A ideia de natureza em Pascal e seus antecedentes”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2007

História da Filosofia Moderna I: “Introdução à metafísica de Leibniz”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2008

Introdução à Filosofia: “Idéia verdadeira e método no *Tratado da emenda do intelecto de Espinosa*”, vespertino e noturno.

Segundo semestre de 2008

História da Filosofia Moderna I: “Introdução à leitura do livro I da *Ética* de Espinosa”, noturno.

Primeiro semestre de 2009

Introdução à Filosofia: “O método cartesiano nas *Regras para a Direção do Espírito*”, vespertino e noturno.

Segundo semestre de 2009

História da Filosofia Moderna I: “Introdução à leitura do livro II da *Ética* de Espinosa”, noturno.

Primeiro semestre de 2010

História da Filosofia Moderna I: “Paixões e afetos no Século XVII”, vespertino e noturno.

Segundo semestre de 2010

Filosofia Geral: “O percurso metafísico das três últimas Meditações”, vespertino e noturno.

2011: afastamento para pós-doutorado em Paris.

Primeiro semestre de 2012

História da Filosofia Moderna III: “Introdução à leitura do livro IV da *Ética* de Espinosa”, vespertino e noturno.

Segundo semestre de 2012

Filosofia Geral: “O percurso metafísico das três últimas Meditações”, vespertino e noturno.

Primeiro semestre de 2013

História da Filosofia Moderna III: “Pascal crítico de Descartes”, vespertino e noturno.

6.2.Orientações:

Iniciação Científica:

Braian da Montanha (CNPQ/PIBIC)

A idéia de perfeição em Leibniz (2004-2006, concluído)

Wilson Sparvoli (CAPES/PET)

A crítica da extensão cartesiana em Leibniz (2005-2007, concluído)

Antônio Felipe Araújo Silva (CAPES/PET)

A relação substancial e a harmonia pré-estabelecida em Leibniz (2005-2007, concluído)

Ânderson Augusto dos Anjos (bolsa FFLCH-USP)

Abordagem do tema do divertimento na filosofia de Blaise Pascal (2005-2007, concluído)

Juarez Lopes Rodrigues (CNPQ/PIBIC)

A doutrina da necessidade em Espinosa (2009-2010, concluído)

Leandro Gomes da Silva (bolsa FFLCH-USP)

Guerra e Paz em Espinosa: “do conflito na solidão ao conflito e à pax no imperium multitudinis (2009-2011, concluído)

Victor Fiori (bolsa CNPQ/PIBIC)

Os preconceitos comuns na filosofia de Espinosa (2011, em andamento)

Mestrado:

Celi Hirata (FAPESP)

O perspectivismo e o projeto leibniziano de conciliação das filosofias (2005-2008, concluído)

Wilson Alves Sparvoli (Capes)

A questão das substâncias corporais em Leibniz (2008-2010, concluído)

Fábio Cristiano de Moraes (Capes)

Ciência e contingência em Pascal (2008-2011, concluído)

Ânderson Augusto dos Anjos

Divertimento pascaliano: a agitada busca pelo repouso (2008-2012, concluído)

Juarez Lopes Rodrigues (Capes)

Idéia e volição em Espinosa (2010, em andamento)

Ricardo Mantovani (Capes)

Os Limites da apologética pascaliana (2012, em andamento)

João Cortese

O papel da analogia em Pascal (2013, em andamento)

Doutorado:

Celi Hirata (FAPESP)

Leibniz e Hobbes: causalidade e princípio de razão suficiente (2008-2012, concluído)

Wilson Sparvoli (Capes)

Da comunicação das substâncias em Descartes à Harmonia em Leibniz (2010, em andamento)

Fábio Cristiano de Moraes (Capes)

O coração em Pascal (2011, em andamento)

Fran Alavina

A influência dos Diálogos do Amor de Leão Hebreu no Breve Tratado de Espinosa (2013, em andamento)

7.Publicações

7.1.Livros:

- Oliva, Luís César, *As marcas do sacrifício. Um estudo sobre a possibilidade da História em Pascal*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2004.
- Oliva, Luís César (org.), *Necessidade e Contingência na Modernidade*. São Paulo, Barcarolla, 2009 (isbn: 978-85-98233-41-3).
- Martins, A., Santiago, H., Oliva, L.C. (orgs.), *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- Oliva, Luís César, *A existência e a morte*. São Paulo, Martins Fontes, 2012.
- Oliva, Luís César, *O Mal*. Coleção do Depto. de Filosofia da USP. São Paulo, Discurso/Barcarolla, no prelo.

7.2.Artigos em revistas científicas:

- "A Interpretação das Escrituras em Pascal" *Cadernos Espinosanos* , São Paulo, II(1), 1997
- "A Natureza em Pascal" *Kriterion*, Rev. do Depto. de Filosofia da UFMG, n. 97, jan-jun. 98.
- "A Verdade em Blaise Pascal", *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, IV, nov. 1998.
- "O homem e a temporalidade em Blaise Pascal", *Kriterion*, Rev. do Depto. de Filosofia da UFMG, n. 101, jan-jun. 2000.
- "Profecia e Contemporaneidade na História pascaliana", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série III, vol. 11, n. 1, jan-jun. de 2001.
- "Graça e Livre Arbítrio em Blaise Pascal", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série III, vol. 12, n. 1-2, jan-dez. de 2002.
- "O Conhecimento em Pascal", *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, XI, 2004.
- "Algumas considerações sobre o conceito de Forma em Bacon", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série III, vol. 13, n. 1, jan-jun. de 2003.

- “A História como sacrifício em Blaise Pascal”, *Kriterion*, Rev. do Depto. de Filosofia da UFMG, n. 109, jan-jun. 2004.
- “Fenômeno e corporalidade em Leibniz” , *Dois Pontos*, Rev. dos Deptos. de Filosofia da UFPR e da UFSCar, vol. 2, n. 1, out. de 2005.
- “Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana”. *Kriterion*, Rev. do Depto. de Filosofia da UFMG, n. 114, jul-dez. 2006.
- “Bondade divina e contingência em Leibniz”, *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, XV, jul-dez. 2006.
- “Vontade divina e contingência na correspondência Leibniz-Arnauld”. *Síntese*, Rev. do Depto. de Filosofia e Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (BH), vol. 34, n.108, jan-abr. de 2007.
- “Apontamentos sobre a moral em Descartes”. *Bioethikos*, Rev. do Centro Universitário São Camilo (SP), vol. 2, n. 2, jul-dez. de 2008.
- “A noção de contemplação no livro II da Ética de Espinosa”. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, XIX, jul-dez. 2008.
- “O problema da impossibilidade em Leibniz”. *O que nos faz pensar*, Cadernos do Depto. de Filosofia da PUC-RJ, num. 26, dez. de 2009.
- “Da independência dos atributos à ordenação das coisas”. *Conatus*, Revista do Departamento de Filosofia da UECE (Fortaleza), Vol. 5, núm. 9, julho de 2011.
- “A noção de graça em Blaise Pascal”. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, XXVI, jan-jun. 2012.

7.3. Capítulos de livros:

-
- “ A História e a Crítica do Progresso em Pascal” in Santos, Antônio Carlos dos (org.), *Variações Filosóficas: entre a Ética e a Política*. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, 2004.
- “Contingência e existência em Leibniz” in Oliva, Luís César (org.), *Necessidade e Contingência na Modernidade*. São Paulo, Barcarolla, 2009.
- “A noção de contemplação na Ética III de Espinosa” in Tatián, Diego (org.), *Spinoza. Quinto coloquio*. Córdoba, Editorial Brujas, 2009.

- “Observações iniciais sobre a ideia de modo inexistente em Espinosa” in Tatián, Diego (org.), Spinoza. *Séptimo coloquio*. Córdoba, Editorial Brujas, 2011.
- “Mal, vontade e moralidade em Leibniz” in Fragoso, E. A. , Costa da, R. (orgs.) *Ética e Subjetividade*. Fortaleza, EDUECE, 2011.
- “Do conhecimento de si à contemplação de si próprio” in Martins, A., Santiago, H., Oliva, L.C. (orgs.), *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

7.4. Publicações integrais em anais de congresso:

- “Leibniz: da noção completa à mônada” – Anais do II Simpósio de Filosofia: ciência e modernidade – Departamento de filosofia – UEM (2007)

7.5. Artigos em jornais e revistas:

- “Bacon e a Modernidade” in *Cult* 58, junho de 2002.
- “Aristóteles e a questão da causalidade” in *Cult* 59, julho de 2002.
- “Espinosa e a causalidade” in *Cult* 60, agosto de 2002.
- “Espinosa e a crítica do Finalismo” in *Cult* 61, setembro de 2002.
- “A idéia de Progresso” in *Cult* 62, outubro de 2002.
- “O século XVII e o Progresso” in *Cult* 63, novembro de 2002.
- “A condição humana segundo Pascal” in *Cult* 64, dezembro de 2002.
- “A questão do divertimento em Pascal” in *Cult* 66, fevereiro de 2003.
- “A universalidade da razão e o método cartesiano” in *Cult* 67, março de 2003.

7.6. Traduções:

- Jaquet, Ch. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- Sévérac, P. “A potência da imaginação em Spinoza”. Tradução de Luís César Oliva. In Martins, A., Santiago, H., Oliva, L.C. (orgs.), *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- Espinosa, Baruch de. *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Frago e Luís César Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

7.7.Outras publicações:

- “Bibliografia Pascaliana”. *Cadernos espinosanos*, São Paulo, nº 7, São Paulo, 2001.
- “Spinoza e Nietzsche: crítica ao sujeito e imanência”, apresentação (em conjunto com André Martins e Homero Santiago) de Martins, A., Santiago, H., Oliva, L.C. (orgs.), *As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- “Um trabalho espinosano”, introdução à tradução da *Ética* de Espinosa, feita coletivamente pelo Grupo de Estudos Espinosanos. No prelo pela Edusp.

8.Participações em colóquios

8.1.Conferências e Comunicações em Colóquios:

- " O livre arbítrio em Pascal" - comunicação apresentada no Colóquio " Tempo Lógico: futuros contingentes" promovido pelo Departamento de Filosofia da PUC-SP (1994) e posteriormente na ANPOF (1994).
- "Sobre a possibilidade da história em Pascal" - comunicação apresentada no "II Encontro de Estudos sobre o século XVII", Departamento de Filosofia - USP (1997).
- "A natureza em Pascal" - comunicação apresentada no Colóquio "O Século XVII e a Tradição" - Departamento de Filosofia - UFMG (1997).
- "A Verdade em Blaise Pascal" – comunicação apresentada no encontro da ANPOF (1998).
- "Dor, corpo e morte na correspondência pascaliana" – comunicação apresentada no Colóquio Internacional "A Correspondência no Século XVII" – Departamento de Filosofia – USP (1999).
- "A noção de contemporaneidade da História em Pascal" - comunicação apresentada no encontro da ANPOF (2000).
- "Graça e Livre Arbítrio em Pascal" - comunicação apresentada no Colóquio Internacional "Necessidade, Liberdade e Contingência" – Departamento de Filosofia – UFPR (2001).
- "Filosofia e Modernidade" – conferência apresentada na XIV Semana de Letras – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto (2002).
- "A questão da existência em Leibniz" – comunicação apresentada na Jornada Leibniziana – Departamento de Filosofia da USP (2003).
- "A História e a Crítica do Progresso em Pascal" – conferência apresentada no I Colóquio sobre Ética e Filosofia Política na UFS – Departamento de Filosofia – UFS (2004).
- "Fenômeno e Corporalidade em Leibniz" – conferência apresentada no Colóquio Leibniz- Departamento de Filosofia – UFPR (2004).

- “Criação e contingência em Leibniz” – comunicação apresentada no encontro da ANPOF (2004) em 21 de outubro do mesmo ano em Salvador-BA.
- “O problema da natureza humana em Hume e Pascal” – conferência apresentada no Colóquio Internacional Franco-Brasileiro *Antropologia e Política nos Pensamentos de Pascal* – depto. de Filosofia – UFMG (24 a 26 de outubro de 2005).
- “Vontade divina e criação em Leibniz”- conferência apresentada no Segundo Colóquio Leibniz – Departamento de Filosofia – UERJ (8 e 9 de dezembro de 2005)
- “Amor a Deus e satisfação em Leibniz” – comunicação apresentada no Seminário de Estudos Leibniz – Departamento de Filosofia – USP (25 e 28 de abril de 2006).
- “O problema da impossibilidade em Leibniz” – comunicação apresentada no encontro da ANPOF (2006) em 27 de outubro do mesmo ano em Salvador-BA.
- “Leibniz: da noção completa à mônada” – conferência apresentada no II Simpósio de Filosofia: ciência e modernidade – Departamento de filosofia – UEM (24 a 27 de setembro de 2007)
- “Leibniz: da noção completa à mônada” – conferência apresentada na I Jornada Unifesp de Filosofia Moderna – Unifesp-Guarulhos (9 de novembro de 2007).
- “O problema da impossibilidade em Leibniz” – conferência apresentada no I Colóquio Luso-Brasileiro Leibniz – PUC-RJ (21 a 23 de novembro de 2007).
- “O conceito de contemplação na *Ética II* de Espinosa” – comunicação apresentada no encontro da ANPOF (2008) em 9 de outubro do mesmo ano em Canela-RS.
- “A noção de contemplação no livro III da *Ética* de Espinosa” – comunicação apresentada no V Colóquio Internacional Spinoza – Córdoba (Argentina) em 29 de outubro de 2008.
- “Contemplação e imaginação na *Ética* de Espinosa” – conferência apresentada no II Colóquio Internacional Spinoza e Nietzsche – Departamento de Filosofia da USP (28/9 a 1/10 de 2009) – no dia 29 de setembro de 2009.
- “Da independência dos atributos à ordem das coisas” – conferência apresentada no II Colóquio Internacional Benedictus de Spinoza – UECE, Fortaleza, 17 de novembro de 2009.
- “As ideias de modos inexistentes em Espinosa” – comunicação apresentada no VII Colóquio Internacional Spinoza – Córdoba (Argentina) em outubro de 2010.

- “L’idée de mode non existant chez Spinoza” – conferência apresentada no III Rencontre International Spinoza-Nietzsche – Université de Paris X- Nanterre (França), em outubro de 2011.
- “ Espinosa e o problema do suicídio” –conferência apresentada no V Encontros na Ágora, no Centro Universitário da Fundação Santo André/SP, em 9 de novembro de 2012.

8.2.Participação como mediador em Colóquios:

- Coordenou os trabalhos da mesa IV no III Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia – Departamento de Filosofia-USP (1999).
- Foi mediador da mesa II do VII Colóquio CEPAME – “estudos em andamento: História da Filosofia Patrística e Medieval” – Departamento de Filosofia-USP (1999).
- Coordenou a mesa XI no IV Encontro de Pesquisa da Graduação em Filosofia – Departamento de Filosofia-USP (2002).
- Coordenou uma sessão de comunicações no X Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF – São Paulo, outubro de 2002.
- Coordenou “mesa 37 – Estudos sobre Nietzsche” no 11º Simpósio de Iniciação Científica da USP – SIICUSP – novembro de 2003.
- Coordenou “mesa 45 – Sociabilidade e Ética” no 12º Simpósio de Iniciação Científica da USP – SIICUSP – novembro de 2004.
- Coordenou a sessão do GT Pensamento do século XVII no XIII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF – São Paulo, outubro de 2008.
- Coordenou “mesa 174 – Pensamento Iluminista” no 16º Simpósio de Iniciação Científica da USP – SIICUSP – novembro de 2008.
- Mediou mesa de conferências no II Congresso Internacional Spinoza e Nietzsche – São Paulo – outubro de 2009.
- Coordenou “mesa – Conhecimento e realidade” no 18º Simpósio de Iniciação Científica da USP – SIICUSP – novembro de 2010.
- Coordenou a mesa “Reflexões do Eu” no V Encontro de Pós-graduandos da FFLCH-USP – novembro de 2010.

- Foi coordenador e debatedor da mesa 19 de conferências do Colóquio Internacional *Republicanism e Democracia*, na FFLCH-USP – novembro de 2011.

8.3.Organização de eventos científicos:

- Participou da organização do Encontro da ANPOF (2002).
- Participou da organização da Jornada Leibniziana (Depto. de Filosofia da USP, maio de 2003).
- Participou da organização do Seminário de Estudos Leibniz (Depto. de Filosofia da USP, 25 e 26 de abril de 2006).
- Participou da organização do II Colóquio Internacional Spinoza e Nietzsche – Departamento de Filosofia da USP (28/9 a 1/10 de 2009).

9.Participação em bancas

Qualificação de Mestrado

- *G.B.Vico e a fratura moderna: O princípio do verum-factum e a idéia de história na Ciência Nova* (Depto. de Filosofia da USP, 5/7/2004)

Aluno: Antônio José Pereira Filho

Orientadora: Maria das Graças de Souza

Outro participante: Franklin Leopoldo e Silva (USP).

Qualificação de Mestrado

Aluna: Adriana Belmonte Moreira (Depto de Filosofia da USP, 12/8/2005)

Orientadora: Scarlett Marton

Outro participante: Vladimir Safatle (USP)

Defesa de Doutorado

-*Leibniz e o Labirinto do Contínuo* (Depto. de Filosofia da USP, 15/4/2005)

Aluno: Júlio Couto Filho

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

Outros participantes:

Luiz Henrique Lopes dos Santos (USP)

Edgar Marques (UERJ)

Viviane de Castilho Moreira (UFPR)

Qualificação de Doutorado

ESPINOSA INTÉRPRETE DAS PROFECIAS: DO MÉTODO AOS EXEMPLOS (Depto de Filosofia da USP, 2006)

Aluno: Sérgio Luís Persch

Orientadora: Marilena Chaui

Outro participante: Homero Santiago (USP)

Qualificação de Doutorado

TEMPO, DURAÇÃO E ETERNIDADE NA FILOSOFIA DE ESPINOSA

(Depto de Filosofia da USP, 18/12/2007)

Aluno: Éricka Marie Itokazu

Orientadora: Marilena Chaui

Outro participante: José Eduardo Baioni (UFSCAR)

Qualificação de Doutorado

DA ALEGRIA À FELICIDADE

(Depto de Filosofia da USP, 18/03/2008)

Aluno: Marcos Ferreira de Paula

Orientadora: Marilena Chaui

Outro participante: Homero Santiago (USP)

Defesa de mestrado

-O perspectivismo e o projeto leibniziano de conciliação das filosofias (Depto. de Filosofia da USP, 30/6/2008)

Aluno: Celi Hirata

Orientador: Luís César Oliva

Outros participantes:

Franklin Leopoldo e Silva (USP)

José Eduardo Baioni (Ufscar)

Qualificação de mestrado

ENSAIOS: o jugement e sua forma

(Depto de Filosofia da USP, 22/12/2008)

Aluno: Sandra da Silva Pires

Orientador: Sérgio Cardoso (USP)

Outro participantes: Maria das Graças de Souza (USP)

Qualificação de mestrado

ENSAIO e Conférence: um estudo do De l'art de conférer de Michel de Montaigne

(Depto de Filosofia da USP, 22/12/2008)

Aluno: Edson Querubini

Orientador: Sérgio Cardoso (USP)

Outro participantes: Maria das Graças de Souza (USP)

Defesa de doutorado

DA ALEGRIA À FELICIDADE

(Depto de Filosofia da USP, 25/08/2009)

Aluno: Marcos Ferreira de Paula

Orientadora: Marilena Chaui

Outros participantes:

Homero Santiago (USP)

Fernando Andrade (Unifesp)

André Martins (UFRJ)

Defesa de mestrado

ENSAIOS de Montaigne: o jugement e sua forma

(Depto de Filosofia da USP, 14/10/2009)

Aluno: Sandra da Silva Pires

Orientador: Sérgio Cardoso (USP)

Outro participante: Patrícia Aranovich (Unifesp)

Qualificação de doutorado

Entre Bergson e Espinosa: eternidade ou duração?

(Depto. de Filosofia da USP, 19/12/2009)

Aluno: Marinê de Souza Pereira

Orientador: Marilena Chauí

Outro participante: Franklin Leopoldo e Silva (USP)

Defesa de mestrado

A questão das substâncias corporais em Leibniz

(Depto. de Filosofia da USP, 9/8/2010)

Aluno: Wilson Alves Sparvoli

Orientador: Luís César Oliva

Outros participantes:

Franklin Leopoldo e Silva (USP)

Edgar Marques (UERJ)

Defesa de Doutorado

-Leibniz contra o vazio: a relação entre a teoria das substâncias e o conceito de espaço

(Depto. de Filosofia da Ufscar, 19/8/2010)

Aluno: Patrícia Coradim Sita

Orientador: Mark Julian Richter Cass

Outros participantes:

Maria Eunice Quilice Gonzales (Unesp)

Fernão de Oliveira Salles (Ufscar)

Carlos Eduardo de Oliveira (Ufscar)

Qualificação de mestrado

Imaginação e superstição em Espinosa

(Depto de Filosofia da USP, 21/12/2010)

Aluno: Cátia Cristina Benevenuto de Almeida

Orientador: Homero Santiago (USP)

Outro participante: Marcos Ferreira de Paula (Unifesp)

Defesa de Doutorado

Amor próprio e vazio infinito: uma análise do homem sem Deus em Blaise Pascal

(Depto. de Filosofia da PUC-SP, 11/11/2011)

Aluno: Andrei Venturini Martins

Orientador: Luiz Felipe Pondé

Outros participantes: Rachel Gazolla de Andrade (PUC), Fernando Altenmeyer (PUC),
Élcio de Gusmão Verçosa Filho (FAAP)

Defesa de mestrado

Imaginação e superstição em Espinosa

(Depto de Filosofia da USP, 15/12/2011)

Aluno: Cátia Cristina Benevenuto de Almeida

Orientador: Homero Santiago (USP)

Outro participante: Marcos Ferreira de Paula (Unifesp)

Defesa de mestrado

-As linguagens em Pascal: carne, espírito e caridade

(Depto. de Filosofia da UFMG, 23/8/2012)

Aluno: Thiago Borges de Almeida

Orientador: Telma Souza Birchall

Outros participantes:

Rogério Antônio Lopes (UFMG)

Defesa de doutorado

-Leibniz e Hobbes: causalidade e princípio de razão suficiente

(Depto. de Filosofia da USP, 31/8/2012)

Aluno: Celi Hirata

Orientador: Luís César Oliva

Outros participantes:

Marilena de Souza Chaui (USP)

Tessa Moura Lacerda (USP)

Silvana Ramos (UFABC)

Vivianne de Castilho Moreira (UFPR)

Qualificação de mestrado

-Idéia e volição em Espinosa

(Depto. de Filosofia da USP, 13/11/12)

Aluno: Juarez Rodrigues

Orientador: Luís César Oliva

Outros participantes:

Marilena de Souza Chaui (USP)

Homero Santiago (USP)

Defesa de mestrado

Unidade e diversidade no espinosismo: o atributo como infinita expressividade da substância única.

(Depto. de Filosofia da USP, 7/3/2013)

Aluno: Claudia Ferreira dos Santos

Orientador: Homero Santiago

Outro participante: Silvana Ramos (CUSC).

10. Estágios no Exterior com financiamento público

-Estágio de 6 meses na École Pratique des Hautes Études- Séction de Sciences Religieuses, Paris, França (2000), financiado com a reserva técnica da bolsa de doutorado Fapesp.

-Estágio pós-doutoral de 10 meses na Université de Paris I – Panthéon Sorbonne (2011), com bolsa Capes.

11. Certificados de aprendizado de línguas

* Certificado de Conclusão do Curso Básico (seis semestres) da Fundação União Cultural Brasil- Estados Unidos.

- Certificat Supérieur de Langue Française, Aliança Francesa – SP (grau “bom”).
- Teste de proficiência em Língua Francesa, Aliança Francesa – SP, 1999 (aprovado com grau “muito bom”).
- Atestado de participação nos cursos de língua alemã (Mittelstufe 1 und 2) do Instituto Goethe – SP, 2002/2003 (grau “muito bom”).
- Certificado de participação no curso *Deutsch als Fremdsprache C2 (Oberstufe)*, Jan. de 2008, Die Neue Schule – Berlin.
- Certificado de conclusão dos cursos de Difusão Cultural “Iniciação ao Latim” I, II, III e IV do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

PROGRAMAS DE CURSO (OMITI AS REPETIÇÕES)

FILOSOFIA GERAL

Segundo semestre de 2004

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso visa a introduzir os alunos aos principais temas do pensamento de Blaise Pascal, tomando como ponto de partida e perspectiva privilegiada a crítica ao projeto cartesiano de saber. Estruturado em seminários, o curso também visa a acompanhar os alunos no processo de leitura e exposição de textos filosóficos, dando-lhes instrumentos e critérios rigorosos para a compreensão das questões envolvidas.

II-CONTEÚDO: PASCAL CRÍTICO DE DESCARTES

- 1- O Espírito Geométrico e o Espírito de Finura.
- 2- O coração e a razão diante dos princípios do conhecimento.
- 3- Um mundo cindido em ordens: corpos, espíritos e caridade.
- 4- O conflito entre cétricos e dogmáticos.
- 5- A justiça e a força: o posicionamento político diante dos limites do conhecimento.
- 6- A reviravolta do pró ao contra: a questão do divertimento.
- 7- O Homem entre dois infinitos inabarcáveis.
- 8- Religião e filosofia: a hipótese da queda como explicação para a condição humana.
- 9- O argumento da aposta dentro do projeto apologético de Pascal.
- 10- A interpretação das Escrituras.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e prova sobre o conteúdo do curso.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Pascal, B. *Pensamentos* in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1971 (Tradução de Sérgio Milliet, numeração Brunschvicg).

Pensamentos, São Paulo, Martins Fontes, 2001 (Tradução Mário Laranjeira, numeração Lafuma)

Oeuvres Complètes, Paris, Seuil, 1963.

Birchal, Telma de Sousa. “Razão e Religião em Espinosa e Pascal”. In *Cadernos Espinosanos* número II(1), 1997.

Chevalier, J. “*La Méthode de Connaître d' après Pascal*” in *Études sur Pascal*, Paris, Colin, 1923.

Harrington, Th. *Vérité et Méthode dans les Pensées de Pascal*, Paris, Vrin, 1972.

Lebrun, G. *Blaise Pascal*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Leopoldo e Silva, F. “Pascal: história e transcendência”. In: STEIN, E. – BONI, L. A. de (org.). *Dialética e liberdade*. Petrópolis, Vozes, 1993.

_____. “A história e o mal”, *Síntese*, Nova Fase, vol. 24, nº 9 (1997) (Belo Horizonte).

Marton, S. “*Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral*” in *Discurso* (24), São Paulo, 1994.

Oliva, L.-C. *A Questão da Graça em Blaise Pascal*. Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de Filosofia da USP, 1996.

“O conhecimento em Pascal”, *Cadernos Espinosanos*, número XI, 2004.

Pondé, Luiz Felipe, *O Homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*, São Paulo, EDUSP, 2001.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I

Primeiro semestre de 2007

(ESTA DISCIPLINA SERÁ OFERECIDA NOVAMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE)

Prof. Luís César Oliva

I) OBJETIVOS

O curso visa a introduzir os alunos aos principais aspectos da metafísica leibniziana, nela privilegiando o conceito de substância individual como chave para compreender o universo criado. Destacar-se-á, durante todo o curso, a especificidade desta concepção leibniziana em relação aos outros filósofos do século, bem como as conseqüências metafísicas e epistemológicas de tal noção.

II) CONTEÚDO:

UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA METAFÍSICA LEIBNIZIANA

- 1- Apresentação geral: Leibniz e a Filosofia do século XVII.
- 2- A criação e as perfeições divinas.
- 3- O mundo perfeitamente racional: a ordem geral e as máximas subalternas.
- 4- A idéia de substância como noção completa: necessidade e contingência.
- 5- A substância como ponto de vista sobre a totalidade.
- 6- A extensão e a força: o problema da substância corpórea.
- 7- O universo fenomênico.
- 8- A doutrina das idéias.
- 9- Expressão e Harmonia: a explicação da união da alma e do corpo.

10-A idéia de mônada.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Leibniz, G.W.

-*Discours de métaphysique et correspondance avec Arnauld*. Introduction, texte et commentaire par G. Le Roy. Paris: Vrin, 1984.

-*Escritos filosóficos*. Ed. de E. Olaso; notas de E. Olaso y R. Torretti; trad. de R. Torretti, T. Zwanck, E. Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas.

-*Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Chronol. et introduction par J. Brunschwig. Paris: Garnier-Flammarion, 1969.

-*A Monadologia, Discurso de metafísica e outros textos*. Trad. de M. de S. Chaui, C. Lopes de Mattos. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

-*La Monadologie*. Édition critique établie par Émile Boutroux précédée d'une étude de Jacques Rivelaygue, "La Monadologie" de Leibniz suivie d'un exposé d'Émile Boutroux, "La Philosophie de Leibniz".

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- Adams, R.M. *Leibniz. Determinist, Theist, Idealist*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1993.

- Belaval, Y. *Études Leibniziennes. De Leibniz à Hegel*. Paris, Gallimard, 1976.

Leibniz critique de Descartes. Paris: Gallimard, 1960.

Leibniz. Initiation à sa Philosophie. Paris, Vrin, 1993.

- Boutroux, E. *La philosophie allemande au XVII siècle*. Paris: Vrin, 1948.

- Couturat, L. *La logique de Leibniz*. Hildesheim: Georg Olms, 1961.

- Garber, D. *El Espacio como Relation en Leibniz*. Caracas: Equinoccio, 1980.

- Gueroult, M. *Dynamique et Métaphysique leibniziennes*. Paris: Belles Lettres, 1934.

- Jalabert, J. *Le Dieu de Leibniz*. Paris: PUF, 1960.

- Lacerda, T. M. *Teoria e Prática em Leibniz: a política da metafísica*. SP, Humanitas, 2005.
- Leopoldo e Silva, F. “Notas sobre a causalidade e a contingência em Leibniz e Pascal”. Conferência apresentada no Depto. de Filosofia da FFLCH-USP.
- Moura, C. A. Ribeiro de. “Contingência e infinito” in *Racionalidade e Crise*. São Paulo: Discurso editorial, 2002.
- Santos, L. H. Lopes dos. *Leibniz e a questão dos futuros contingentes*” in *Analytica*, vol. 3, n. 1, 1998.
- Sève, B. *La question philosophique de l’existence de Dieu*. Paris: PUF, 1997.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA III

Segundo semestre de 2006

Prof. Luís César Oliva

I) OBJETIVOS

O curso visa a apresentar a noção de natureza humana tal como desenvolvida por Blaise Pascal em várias de suas obras. Tal noção, juntamente com as correlatas noções de corrupção e graça, é fundamental para a compreensão do pensamento pascaliano, seja em contexto metafísico, moral ou teológico. Previamente, no entanto, será necessário passar pelos antecedentes teóricos do autor seiscentista, aí incluídos Agostinho, Tomás de Aquino, Suarez e Jansénius.

II) CONTEÚDO:

A NOÇÃO DE NATUREZA HUMANA EM PASCAL E SEUS ANTECEDENTES

- 1- A idéia de natureza em Aristóteles.
- 2- Natureza e Graça em Agostinho.
- 3- Natureza e finalidade do homem em Tomás de Aquino.
- 4- O estado de pura natureza em Suarez.
- 5- A reforma do homem interior em Jansénius.
- 6- A corrupção da natureza humana em Pascal.
- 7- A desproporção do homem.
- 8- A natureza humana nos *Escritos sobre a Graça* e nos *Pensamentos*.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários e discussões em classe.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

SÍNTESE DA BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Aristóteles, *Physique*. Paris, Belles Lettres, 1961.

Agostinho, *Del libre albedrío*, in *Obras de San Agustín*. Dir. de V. Capánaga, O.R.S.A. Madrid, B.A.C., 1971, tomo 3.

A natureza e a graça. In *A Graça (I)*. São Paulo, Paulus, 1999.

A correção e a graça. In *A Graça (II)*. São Paulo, Paulus, 2002.

Jansenius, Cornelius. *Discours de la reformation de l'homme intérieur*. Trad. française par Arnauld d'Andily. Paris, s. ed., 1644.

Suarez, F. *De ultimo fine hominis*, in *Opera Omnia*, Paris, apud ludovicum Vivès, Bibliopolam Editorem, 1856.

De Gratia, in *Opera Omnia*, Paris, apud ludovicum Vivès, Bibliopolam Editorem, 1857.

Tomás de Aquino, *Suma contra os gentios*. (as referências serão dadas em aula.

Pascal, B. *Pensamentos* in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1971 (Tradução de Sérgio Milliet, numeração Brunschvicg).

Pensamentos, São Paulo, Martins Fontes, 2001 (Tradução Mário Laranjeira, numeração Lafuma)

Oeuvres Complètes, Paris, Seuil, 1963.

Birchal, Telma de Sousa. "Razão e Religião em Espinosa e Pascal". In *Cadernos Espinosanos* número II(1), 1997.

Laporta, Jorge. *La destinée de la nature humaine selon Thomas d'Aquin*. Paris, Vrin, 1965.

Lebrun, G. *Blaise Pascal*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Leopoldo e Silva, F. "Pascal: história e transcendência". In: STEIN, E. – BONI, L. A. de (org.). *Dialética e liberdade*. Petrópolis, Vozes, 1993.

_____. "A história e o mal", *Síntese*, Nova Fase, vol. 24, nº 9 (1997) (Belo Horizonte).

_____. "O mediador e a solidão", não publicado.

Lubac, H. *Augustinisme et Théologie Moderne*, Paris, Aubier, 1965.

Magnard, P. *Pascal, la clé du chiffre*, Paris, ed. Universitaires, 1991.

"Valeur critique et euristique de la notion de l'idée de nature chez Pascal" in *Communications au colloque des amis des Port Royal*, Clermond Ferrand, 30 mai, 1962.

Marton, S. "Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral" in *Discurso* (24), São Paulo, 1994.

Oliva, L.-C. *A Questão da Graça em Blaise Pascal*. Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de Filosofia da USP, 1996.

Pondé, Luiz Felipe, *O Homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*, São Paulo, EDUSP, 2001.

Obs: acréscimos à bibliografia serão feitos no decorrer do curso.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Primeiro semestre de 2009

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso visa a introduzir os alunos à problemática cartesiana do método, sobretudo em sua apresentação nas *Regras para a Direção do Espírito*. Estruturado em seminários, o curso também visa a acompanhar os alunos no processo de leitura e exposição de textos filosóficos, dando-lhes instrumentos e critérios rigorosos para a compreensão das questões envolvidas.

II-CONTEÚDO: O MÉTODO CARTESIANO NAS *REGRAS PARA A DIREÇÃO DO ESPÍRITO*

- 1- A unidade do saber.
- 2- O conhecimento certo.
- 3- A intuição e a dedução.
- 4- Os princípios do método.
- 5- A ordem e a medida.
- 6- A análise e a síntese.
- 7- A perspicácia.
- 8- A enumeração.
- 9- As naturezas simples.
- 10- Entendimento e imaginação.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e prova sobre o conteúdo do curso.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DESCARTES, R. *Regras para a Direção do Espírito*. Lisboa, Edições 70, 1985.

Regras para a Orientação do Espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Discurso do método, As paixões da alma, Meditações, Objeções e respostas, Cartas. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

ALQUIÉ, F. *A filosofia de Descartes*. Lisboa, Editorial Presença, 1980.

COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

COTTINGHAM, J. (Org.) *The Cambridge Companion to Descartes*. Nova York, Cambridge University Press, 1992.

GAUKROGER, S. *Descartes. Uma biografia*. Rio de Janeiro, Eduerj/Contraponto, 1999.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo, Moderna, 1993.

Marion, J-L. *Sobre a ontologia cinzenta de Descartes. Ciência cartesiana e saber aristotélico na Regulae*. Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Primeiro semestre de 2008

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso visa a introduzir os alunos à problemática espinosana dos modos de percepção e, em geral, da teoria do conhecimento, sobretudo em sua apresentação no *Tratado da Emenda do intelecto*. Estruturado em seminários, o curso também visa a acompanhar os alunos no processo de leitura e exposição de textos filosóficos, dando-lhes instrumentos e critérios rigorosos para a compreensão das questões envolvidas.

II-CONTEÚDO: IDÉIA VERDADEIRA E MÉTODO NO *Tratado da emenda do intelecto* de Espinosa.

- 1- A busca do verdadeiro bem.
- 2- Os modos de percepção.
- 3- O método.
- 4- A ordem da natureza e a ordem das idéias.
- 5- A idéia fictícia.
- 6- A idéia falsa.
- 7- A idéia duvidosa.
- 8- A teoria da definição.
- 9- O intelecto.
- 10- A crítica do finalismo.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e prova sobre o conteúdo do curso.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EPINOSA, B. *Tratado da reforma do entendimento*. Lisboa, Edições 70, 1987.

Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética, Tratado político, Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

Traité de la reforme de l'entendement. Etablissement du texte, traduction, introduction et commentaires par Bernard Rousset. Paris, Vrin, 1992.

CHAUI, M. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.

A Nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa, Vol. I: *imanência*, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso, 2002.

REZENDE, C. “*Idéia verdadeira e história*” in *Cadernos Espinosanos II(2)*, São Paulo, 1997.

TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo, Ed. Unesp, 2001.

GLEIZER, M. A. *Verdade e certeza em Espinosa*, Porto Alegre, L&PM, 1999.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I

Segundo semestre de 2008

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso visa a introduzir os alunos aos principais aspectos da ontologia espinosana, nela privilegiando o conceito de substância como chave para compreender o real. Destacar-se-á, durante todo o curso, a especificidade desta concepção espinosana em relação aos outros filósofos do século, bem como as conseqüências epistemológicas de tal noção.

II- CONTEÚDO

Curso expositivo:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LIVRO I DA ÉTICA DE ESPINOSA

- 10- Apresentação geral: Espinosa e a Filosofia do século XVII.
- 11- A natureza das definições.
- 12- A substância, os atributos e os modos.
- 13- A existência necessária e a infinitude da substância.
- 14- Realidade e perfeição.
- 15- A prova da existência de Deus.
- 16- A imanência
- 17- Necessidade e contingência.
- 18- A essência e a potência de Deus.
- 10-A refutação do intelecto criador.

Seminários:

IDÉIA VERDADEIRA E MÉTODO NO *Tratado da emenda do intelecto*

- 10- A busca do verdadeiro bem.
- 11- Os modos de percepção.
- 12- O método.
- 13- A ordem da natureza e a ordem das idéias.
- 14- A idéia fictícia.
- 15- A idéia falsa.

- 16- A idéia duvidosa.
- 17- A teoria da definição.
- 18- O intelecto.
- 10- A crítica do finalismo.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EPINOSA, B. *Ética*, tradução em andamento do Grupo de Estudos Espinosanos

Tratado da reforma do entendimento. Lisboa, Edições 70, 1987.

Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética, Tratado político, Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

CHAUÍ, M. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.

A Nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa, Vol. I: *imanência*, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

CURLEY, E. *Spinoza's Metaphysics. An Essay in Interpretation*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1966.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso, 2002.

GLEIZER, M. A. *Verdade e certeza em Espinosa*, Porto Alegre, L&PM, 1999.

GUEROULT, M. *Spinoza, I: Dieu*. Paris, Aubier-Montaigne, 1968.

TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo, Ed. Unesp, 2001.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I

Segundo semestre de 2009

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso, uma leitura cuidadosa da segunda parte da *Ética*, visa a introduzir os alunos aos principais aspectos do pensamento espinosano sobre o conhecimento, aí privilegiando os conceitos de idéia adequada e de mente humana. Destacar-se-á, durante todas as aulas, a dimensão ontológica destes conceitos, bem como sua vinculação às questões tratadas na primeira parte do livro. Também crucial será a abordagem da doutrina espinosana dos gêneros de conhecimento (na nomenclatura da *Ética*) ou modos de percepção (na nomenclatura do *Tratado da Emenda do Intelecto*), apontando as diferenças nas duas apresentações.

II- CONTEÚDO

Curso expositivo:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LIVRO I I DA *ÉTICA* DE ESPINOSA

- 19- Apresentação geral: a ontologia da parte I.
- 20- A natureza das definições.
- 21- A independência dos atributos.
- 22- A ordem e a conexão das idéias e das coisas.
- 23- A essência da mente.
- 24- A pequena física.
- 25- A imaginação.
- 26- Adequação e inadequação.
- 27- A razão.
- 28- A ciência intuitiva.
- 29- A crítica do livre arbítrio.

Seminários:

IDÉIA VERDADEIRA E MÉTODO NO *Tratado da emenda do intelecto*

- 19- A busca do verdadeiro bem.
- 20- Os modos de percepção.

- 21- O método.
- 22- A ordem da natureza e a ordem das idéias.
- 23- A idéia fictícia.
- 24- A idéia falsa.
- 25- A idéia duvidosa.
- 26- A teoria da definição.
- 27- O intelecto.
- 10- A crítica do finalismo.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e provas dissertativas.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EPINOSA, B. *Ética*, tradução em andamento do Grupo de Estudos Espinosanos

Tratado da reforma do entendimento. Lisboa, Edições 70, 1987.

Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética, Tratado político, Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

CHAUI, M. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.

A Nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa, Vol. I: *imanência*, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso, 2002.

GLEIZER, M. A. *Verdade e certeza em Espinosa*, Porto Alegre, L&PM, 1999.

GUEROULT, M. *Spinoza, II: l'Âme*. Paris, Aubier-Montaigne, 1974.

MACHEREY, p. *Introduction à l'Étique de Spinoza II*. Paris, PUF, 1994.

TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo, Ed. Unesp, 2001.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA I

Primeiro semestre de 2010

Prof. Luís César Oliva

PAIXÕES E AFETOS NO SÉCULO XVII

I-OBJETIVOS

O curso pretende abordar uma questão fundamental no pensamento seiscentista: a natureza das paixões e o modo de controlá-las. Tributária da ontologia e fator determinante da moral e da política, a questão encontrou espaço na obra de diversos filósofos do século XVII. Todavia nos restringiremos a dois deles, Descartes e Espinosa, que talvez tenham sido os que mais desenvolveram o tema, além de pretenderem, cada um nos parâmetros da sua filosofia, apresentar as paixões tão sistematicamente quanto possível. Descartes se propôs a tratá-las como físico. Espinosa, como se fosse questão de linhas, planos ou corpos. As atividades do curso se dividirão em uma parte expositiva, em que se tratará do terceiro livro da *Ética* de Espinosa, e em uma parte de seminários, em que se abordará o *Tratado das Paixões da Alma* de Descartes.

II- CONTEÚDO

Curso expositivo:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LIVRO I I I DA *ÉTICA* DE ESPINOSA

- 30- Apresentação geral: a ontologia da parte I.
- 31- A mente e as idéias adequadas (parte II).
- 32- Paixão e causalidade inadequada.
- 33- O conatus.
- 34- A alegria e a tristeza como variações de potência.
- 35- O desejo como essência do homem.
- 36- A imaginação como produtora de afetos.
- 37- A imitação dos afetos.
- 38- O amor e o ódio.
- 39- Os afetos ativos.

Seminários:

A FISILOGIA DAS PAIXÕES EM DESCARTES

- 28- A distinção alma-corpo.
- 29- A união substancial.
- 30- Natureza humana e sentimento.
- 31- A fisiologia.
- 32- O poder da alma sobre o corpo.
- 33- Paixões primitivas e derivadas.
- 34- A utilidade das paixões.
- 35- A generosidade.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e dissertação final.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ESPINOSA

ESPINOSA, B. *Ética*, tradução em andamento do Grupo de Estudos Espinosanos

Tratado da reforma do entendimento. Lisboa, Edições 70, 1987.

Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética, Tratado político, Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

CHAUI, M. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.

“Da metafísica do contingente à ontologia do necessário” in Oliva, L. (org.) *Necessidade e contingência na modernidade*. São Paulo, Barcarolla, 2009.

“Laços do desejo” in Novaes, A. (org.) *O desejo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso, 2002.

- DELEUZE, G. *Spinoza. Philosophie pratique*. Paris, Minuit, 1981 (há tradução).
- FERREIRA DE PAULA, M. *Alegria e Felicidade. A experiência do processo liberador em Espinosa*. Tese de doutorado apresentada ao depto. De Filosofia da USP, 2009.
- GLEIZER, M. A. *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- JAQUET, Ch. *L'unité du corps et de l'esprit. Affects, actions et passions chez Spinoza*. Paris, PUF, 2004.
- MACHEREY, P. *Introduction à l'Étique de Spinoza III*. Paris, PUF, 1997.

DESCARTES

- DESCARTES, R. *Discurso do método, As paixões da alma, Meditações, Objeções e respostas, Cartas*. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).
- COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.
- KAMBOUCHNER, D. *L'homme des passions. Commentaires sur Descartes*. 2 v. Paris, Albin Michel, 1995.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo, Moderna, 1993.
- TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral em Descartes*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

FILOSOFIA GERAL

Segundo semestre de 2012

Prof. Luís César Oliva

I-OBJETIVOS

O curso pretende introduzir os alunos à metafísica cartesiana, particularmente nos aspectos tratados nas três últimas partes das *Meditações Metafísicas*, dando continuidade à análise deste texto iniciada no semestre anterior. Estruturado em seminários, o curso também visa a acompanhar os alunos no processo de leitura e exposição de textos filosóficos, dando-lhes instrumentos e critérios rigorosos para a compreensão das questões envolvidas.

II-CONTEÚDO: O PERCURSO METAFÍSICO DAS TRÊS ÚLTIMAS *MEDITAÇÕES*.

- 1- A segunda prova da existência de Deus.
- 2- O problema do erro.
- 3- A essência das coisas materiais.
- 4- A prova ontológica.
- 5- A distinção alma-corpo.
- 6- A existência das coisas materiais.
- 7- A união substancial da alma e do corpo.
- 8- Natureza humana e teodicéia.

III- MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários e análises de textos.

IV- ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e avaliação final.

V- CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários em grupo e dissertação sobre o conteúdo do curso.

VI- ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

Dissertação com tema a combinar.

VII-BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DESCARTES, R. *Discurso do método, As paixões da alma, Meditações, Objeções e respostas, Cartas*. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

ALQUIÉ, F. *A filosofia de Descartes*. Lisboa, Editorial Presença, 1980.

La Découverte Métaphysique de l 'homme chez Descartes. Paris, PUF, 1950.

COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

GAUKROGER, S. *Descartes. Uma biografia*. Rio de Janeiro, Eduerj/Contraponto, 1999.

GUEROULT, M. *Descartes selon l 'ordre des Raisons*. Paris, Aubier, 1953, 2v.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo, Moderna, 1993.

TEIXEIRA, L. *Ensaio sobre a moral em Descartes*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA III**1º Semestre de 2012****Disciplina Optativa****Destinada: alunos de Filosofia e de outros departamentos****Código: FLF0442****Pré-requisito: FLF0113 e FLF0114****Prof. Luís César Oliva****Carga horária: 120h****Créditos: 06****Número máximo de alunos por turma: 90****I - OBJETIVOS**

O curso, uma leitura cuidadosa da quarta parte da *Ética*, visa a introduzir os alunos aos principais aspectos do pensamento espinosano sobre a servidão e a liberdade, aí privilegiando os conceitos de afeto e razão como determinantes de ambas as condições. Destacar-se-á, durante todas as aulas, a dimensão ontológica destes conceitos, bem como sua vinculação às questões tratadas nas três primeiras partes da obra, em especial na parte III, sobre a natureza dos afetos, cujas principais etapas serão abordadas em seminários.

OBS.: DADO QUE NÃO HAVERÁ TEMPO PARA RETOMAR DETIDAMENTE TODOS OS PRESSUPOSTOS DO LIVRO IV, RECOMENDA-SE QUE OS ALUNOS JÁ TENHAM FEITO ANTERIORMENTE ALGUM CURSO SOBRE ESPINOSA.

II - CONTEÚDO

Curso expositivo:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO LIVRO IV DA *ÉTICA* DE ESPINOSA

40-A crítica das causas finais.

41-O homem como parte da natureza.

- 42-A força das paixões.
- 43-A contrariedade entre os afetos.
- 44-O conhecimento como afeto.
- 45-Utilidade e racionalidade.
- 46-Conveniência e contrariedade entre os homens.
- 47-O desejo racional.
- 48-O bem e o mal segundo a razão.
- 49-Servidão e liberdade.

Seminários:

A AFETIVIDADE ATIVA E PASSIVA NO LIVRO III

- 36-Ação e adequação.
- 37-O conatus.
- 38-O desejo, a alegria e a tristeza.
- 39-O amor e o ódio.
- 40-A imitação dos afetos.
- 41-O ódio vencido pelo amor.
- 42-A paixão e a discrepância entre os homens.
- 43-Os afetos ativos.

III - MÉTODOS UTILIZADOS

Seminários, aulas expositivas e análises de textos.

IV - ATIVIDADES DISCENTES

Seminários, discussões em classe e leituras programadas.

V - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Seminários individuais ou em grupo e dissertação final.

VI - ÉPOCA E CRITÉRIOS DE RECUPERAÇÃO

A combinar.

VII - BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EPINOSA, B. *Ética*, tradução em andamento do Grupo de Estudos Espinosanos
Tratado da reforma do entendimento. Lisboa, Edições 70, 1987.

Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética, Tratado político, Correspondência. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (há várias reedições).

CHAUÍ, M. *Espinosa, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, Moderna, 1995.

A Nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa, Vol. I: *imanência*, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

“Da metafísica do contingente à ontologia do necessário” in Oliva, L. C. (org.) *Necessidade e contingência na modernidade*. São Paulo, Barcarolla, 2009.

DELBOS, V. *O espinosismo*. São Paulo, Discurso, 2002.

JAQUET, Ch. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. São Paulo, Autêntica, 2011.

MACHERY, p. *Introduction à l'Étique de Spinoza: la quatrième partie: la condition humaine*. Paris, PUF, 1997.

MATHERON, A. *Individu et communauté chez Spinoza*. Paris, Minuit, 1969.

TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo, Ed. Unesp, 2001.

Obs: complementos à bibliografia serão dados durante o curso.

ANEXO

Introdução à tradução da *Ética* de Espinosa

UM TRABALHO ESPINOSANO

Esta nova tradução da *Ética* de Espinosa é inseparável da história do Grupo de Estudos Espinosanos da USP. Este grupo foi formado em meados dos anos 90 por alunos de graduação em Filosofia que haviam descoberto Espinosa pouco tempo antes, em um curso da Professora Marilena Chaui, aliás o primeiro curso de filosofia moderna dado por ela depois de sua passagem pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. O despretenso grupo de estudos consolidou-se rapidamente, com vários de seus membros decidindo-se por tomar a filosofia espinosana como tema de seus projetos (formais ou informais) de iniciação científica. A esta altura, Marilena pediu para participar das reuniões dos alunos (até porque já orientava alguns deles), e em breve tornou-se coordenadora do grupo, embora nunca tenha mudado o caráter coletivo das decisões sobre os rumos de estudo e pesquisa dos jovens participantes. As marcas desta fundação nunca se apagaram e, até hoje, quando muitos dos antigos membros se tornaram professores da própria USP e de outras grandes universidades brasileiras, o grupo permanece voltado à formação de jovens pesquisadores, guardando o caráter de grupo de estudos mais do que de um seminário de pesquisa, embora também o seja.

Foi com este interesse formador que, no final da década de 90, os membros do grupo decidiram, em conjunto com a coordenadora, empreender uma nova tradução da *Ética* de Espinosa. Obra fundamental do autor, este texto tinha na época duas já antigas traduções para o português, ambas problemáticas, seja por inconsistências conceituais, seja por excessiva liberdade dos tradutores. Mais do que tudo, aquelas traduções (cujo papel para a difusão do pensamento espinosano no Brasil havia sido inegável) careciam de atualizar-se após algumas décadas de intensos estudos no mundo inteiro que aprofundaram a compreensão (ou mesmo descobriram a importância anteriormente despercebida) de vários conceitos fundamentais do filósofo. Os anos 90 trouxeram novas traduções da *Ética* em quase todas as principais línguas ocidentais, refletindo estes avanços e consolidando um

vocabulário filosófico especificamente espinosano em cada uma destas línguas. O português, porém, continuava desprovido de uma tradução destes moldes, embora os estudos espinosanos no Brasil e em Portugal estivessem em pleno florescimento.

Por outro lado, o próprio trabalho de análise e discussão interno ao Grupo de Estudos Espinosanos apontava para a necessidade de trabalhar mais de perto com o latim seiscentista, sem falar nas especificidades do uso espinosano desta língua. Para além da trivial necessidade de “ler um autor no original”, a percepção geral dos membros do grupo era de que as discussões conceituais eram inseparáveis da compreensão da maneira como Espinosa usava certos termos, verbos, conectivos lógicos, etc., o que redundava necessariamente em propostas de tradução que entravam em choque com as opções escolhidas pelas edições existentes. O esforço de traduzir tornou-se então parte integrante do debate conceitual, e vice-versa, de modo que o processo de formação daqueles jovens historiadores da filosofia não podia mais prescindir da atividade de tradução. Daí à decisão de empreender uma nova tradução da *Ética*, foi um passo bem pequeno. Pode-se dizer, aliás, que este último aspecto foi preponderante sobre o primeiro; entenda-se: usar a discussão das questões de tradução como ferramenta para a formação de uma nova geração de especialistas sempre teve proeminência sobre o suprimento da carência nacional de uma edição de alto nível da *Ética* de Espinosa, tanto que o grupo nunca deixou-se determinar por prazos de nenhum tipo, respeitando assim o ritmo próprio e a natureza pedagógica do trabalho.

Por esta razão, a tradução seguiu desde o início princípios muito rígidos, sendo alguns deles matizados somente depois de muitos anos de discussão, além, é claro, das experiências em sala de aula com os resultados parciais do trabalho. Afora a já mencionada atualização do vocabulário com os estudos técnicos mais recentes, houve outros princípios que é preciso destacar. Desde o início, a idéia era fazer uma edição bilíngüe, tornando o leitor consciente das opções feitas a cada passo e permitindo-lhe acompanhar no latim a construção espinosana de cada conceito e confrontar mais facilmente a tradução com o texto original. Neste intuito, decidimos aproveitar as similaridades entre o latim e o português, incluindo alguns vocábulos pouco usados do último, para escolher termos de mesma raiz nas duas línguas, desde que não houvesse prejuízo da compreensão. Não só nestes casos, mas mesmo em outros em que a proximidade dos termos não foi possível, a

orientação foi manter tanto quanto possível o mesmo termo português para o mesmo termo latino, com um mínimo de oscilações de tradução. Deste modo, ainda que não houvesse proximidade explícita de todos os termos, teríamos melhores condições de apreender o estilo do discurso de Espinosa, para não falar da maior facilidade em levantar os usos espinosanos de um determinado termo, sem precisar recorrer continuamente aos léxicos existentes. A mesma preocupação nos fez evitar ao máximo alterar a pontuação do original (daí algumas frases longuíssimas, cujas etapas argumentativas se separam por ponto e vírgula, e outras excessivamente curtas, que poderiam ter sido anexadas às frases adjacentes), quase nunca inserir novos parágrafos (Espinosa é muito econômico no seu uso, mesmo nos extensos escólios polêmicos, dando a impressão de um longo pensamento ininterrupto), e inclusive relutar em mexer na organização sintática de cada frase (esta última regra foi aquela em que mais tivemos de fazer concessões, diante das dificuldades de leitura que por vezes proporcionava e que eram detectadas em sala de aula). A despeito das frequentes consultas à *Opera Posthuma* (reunião de trabalhos de Espinosa publicada postumamente em 1677), tomamos como base para o texto original a edição de Gebhardt (dos anos 20), visto que esta permanecia sendo a edição de referência entre os especialistas. Por isso, ainda que com pequenas correções, decidimos acompanhá-la de perto também nas abreviações de termos, maiúsculas em meio de frase, itálicos, etc., mesmo quando estes não pareciam significativos. A idéia era que, se no decorrer do trabalho surgisse um novo estabelecimento de texto para o original, faríamos as alterações necessárias a partir da edição de referência, porém até hoje a de Gebhardt não foi substituída entre os especialistas. Finalmente, decidimos reduzir o aparato crítico ao mínimo, deixando ao leitor o contato direto com a particularidade (e por vezes a aridez) do texto de Espinosa, sem impor-lhe por meio de notas uma interpretação prévia. No caso de um filósofo tão polêmico, com interpretações tão díspares entre os comentadores, sobredeterminar a leitura com notas explicativas seria desonesto. Donde nossas notas, além de poucas e sucintas, terem caráter mais técnico do que conceitual. O mesmo princípio nos impediu de sanar na tradução certas ambigüidades do latim, as quais foram mantidas no texto português. Caberá ao leitor a tarefa de fazer as escolhas que a análise da língua, por si mesma, não pôde resolver.

O trabalho de tradução começou perto do final dos anos 90, de maneira ainda irregular, quase que em ensaio (uma rápida tentativa com os capítulos iniciais dos *Pensamentos Metafísicos* serviu como prévia da *Ética*), e ganhou periodicidade regular a partir da década seguinte. Do começo ao fim da empreitada, porém, tudo se fez em reuniões de discussão coletiva. Logo no início, o texto era traduzido *in loco*, depois passou a haver um responsável pela tradução de um certo trecho, a qual servia de ponto de partida para o debate. Conforme os objetos de pesquisa de cada membro se viam afetados pelas escolhas feitas, as discussões podiam levar toda uma tarde a respeito de uma palavra, expressão idiomática ou pequena frase. Neste período, também recebemos na USP diversos especialistas internacionais com o intuito de discutir os princípios e escolhas das principais traduções espinosanas em voga. Entre eles, destacam-se Bernard Pautrat (autor da última tradução francesa da *Ética*, que rapidamente se estabeleceu entre os espinosanos de seu país e teve larga influência em nosso grupo), Diogo Pires Aurélio (autor da tradução portuguesa do *Tratado Teológico-político* e, posteriormente, do *Tratado Político*), Paolo Cristofolini (que pouco antes lançara uma nova tradução italiana do *Tratado Político*), Michele Beyssade (autora da tradução francesa do *Tratado da Emenda do Intelecto* utilizada em recente edição crítica publicada pela editora PUF) e Jean-Marie Beyssade (autor de uma nova tradução da *Ética*, ainda hoje inacabada, a ser publicada pela mesma editora francesa). Além destas conversas diretamente com os tradutores, era uma constante a confrontação de nosso trabalho com as outras traduções existentes, como as duas em português (a mais antiga, de Lívio Xavier, e em especial a de Joaquim de Carvalho e seus alunos, muito boa na primeira parte, feita pelo próprio Carvalho), a já mencionada tradução francesa de Pautrat, a já antiga de Charles Appuhn, a americana de Curley, a alemã de Bartuschat e, anos depois, a espanhola de Atilano Dominguez.

Simultaneamente a este trabalho, e certamente não sem dívida com ele, os componentes do grupo produziram várias dissertações sobre Espinosa e outros filósofos do século XVII. No início dos anos 2000, já sob a influência da publicação de *A Nervura do Real* da coordenadora Marilena Chaui, os antigos iniciandos haviam se tornado mestres e muitos dos antigos e novos membros do grupo eram doutorandos já próximos da conclusão. Em meados da década, com as partes I e II já terminadas, o ritmo de trabalho sofreu uma queda. Envolvidos com o término de suas teses, com viagens de pesquisa ao exterior ou

com a participação em concursos e eventos, os membros originais do grupo reduziram sua participação na atividade, a qual foi rapidamente tomada por uma nova geração de pesquisadores, que refazia o percurso de formação dos primeiros. Tendo em vista o caráter pedagógico do projeto, nunca hesitamos em retomar as antigas discussões sobre certas escolhas, e mesmo em gastar o tempo necessário para dar as explicações gramaticais, históricas e conceituais de que os novos membros careciam para assumir a tarefa. Foi esta geração, hoje já de doutores, que manteve acesa até o fim a chama do trabalho, embora com intervalos maiores entre as reuniões. As últimas páginas da parte V ainda contaram com membros de uma terceira geração de pesquisadores (hoje mestrands), que já estão se engajando em novos projetos de tradução de Espinosa, em especial sua *Correspondência*, em larga medida ainda inédita em português.

No meio do percurso, em 2007, fomos brindados com um novo e importante instrumento de trabalho, uma nova tradução brasileira da *Ética*, feita por Tomaz Tadeu. Também bilíngüe, como sempre nos propusemos a fazer, e bastante criteriosa, esta tradução trouxe imenso benefício aos estudos espinosanos do país, rapidamente ganhando espaço entre universitários e leitores em geral. Diferentemente do que se poderia pensar, porém, o surgimento desta edição não desestimulou o trabalho em curso na USP, ao contrário ajudou-o. Apesar de seus inegáveis méritos, esta nova tradução tinha uma proposta diferente da nossa, visando, segundo a própria apresentação da edição, “produzir um texto que, sem deixar de ser fiel à expressão de Espinosa, estivesse mais de acordo com a língua presentemente utilizada no Brasil”. Em outras palavras, a busca da fluência e da proximidade com a língua cotidiana guiou o trabalho de Tomaz Tadeu, enquanto nossa proposta era reforçar ao máximo a literalidade e a proximidade com o original, produzindo uma tradução, antes de tudo, acadêmica, mesmo que não perdêssemos de vista a compreensibilidade do texto. Por isso é de crer que as duas traduções possam conviver muito bem no mercado editorial, complementando-se e ajudando a aprofundar patamares diferentes da filosofia de Espinosa.

Também vale destacar que o trabalho de tradução foi iniciado simultaneamente ao período final de gestação do maior clássico dos estudos espinosanos brasileiros, o já mencionado *A Nervura do Real*, da coordenadora do grupo, Marilena Chaui. O surgimento deste livro influenciou fortemente o processo de tradução, sobretudo na parte I da *Ética*,

que é tratada largamente na obra, e marcou a formação dos todos os pesquisadores que fizeram parte do grupo. Agora, quando a tradução completa vem a lume, está em gestação o segundo volume de *A Nervura do Real*, cujos resultados parciais já vêm influenciando os novos e antigos participantes do trabalho, e certamente marcará as próximas gerações de espinosanos do Brasil. Nossa tradução tem assim o privilégio de já nascer em dia com o debate mais recente nas pesquisas brasileiras sobre Espinosa, antes mesmo de sua publicação.

Inseparável de um trabalho de formação caro ao Departamento de Filosofia da USP e feita integralmente no interior deste, nossa tradução também é devedora das condições de infra-estrutura e pessoal propiciadas pela Universidade e por nosso programa de pós-graduação em Filosofia. Por isso, é com grande alegria que vemos esta tradução coletiva chegar ao público por via da EDUSP. Certamente cabia à Editora da Universidade de São Paulo o papel de apresentar os resultados de um trabalho longo, especializado, acadêmico no melhor sentido da palavra, e gestado entre os muros desta Universidade. Foi um percurso longo e árduo, sem dúvida, mas sempre alegre e gratificante justamente porque pôde ser trilhado. E nem poderia ser diferente. Como diz Espinosa, nas últimas palavras da *Ética*, “tudo o que é notável é tão difícil quanto raro”.

Luís César Guimarães Oliva

*Professor de História da Filosofia Moderna da Universidade de São Paulo e
membro do Grupo de Estudos Espinosanos da USP*

Muitos foram os colaboradores desta tradução coletiva e é praticamente impossível nomeá-los todos, até por causa do caráter totalmente público das reuniões do Grupo de Estudos Espinosanos. Mesmo em participações curtas, todos foram, à sua maneira, importantes para o resultado final, por isso a relação abaixo não implica nenhum tipo de hierarquia e, certamente, não deve ser vista como exaustiva:

Coordenação:

Marilena de Souza Chaui

Tradutores:

.....

André Menezes Rocha
Barbara Lucchesi Ramacciotti
Claudia Ferreira dos Santos
Cristiano Novaes de Rezende
Daniel Santos
Éricka Marie Itokazu
Eva Turin
Fernando Dias Andrade
Henrique Xavier
Homero Santiago
José Eduardo Baioni
José Luiz Bastos Neves
Luciana Zaterka
Luís César Guimarães Oliva
Marcos Ferreira de Paula
Moisés Floriano (†)
Sérgio Persch
Silvana de Souza Ramos
Tessa Moura Lacerda
Valéria Loturco

Revisores do texto latino:

Antônio David
Daniel Santos
Douglas Balila
Fábio Cristiano de Moraes
Fátima Maria Araújo Bertini
Homero Santiago
Juarez Lopes Rodrigues
Luís César Guimarães Oliva
Marcos Ferreira de Paula

Wilson Sparvoli
